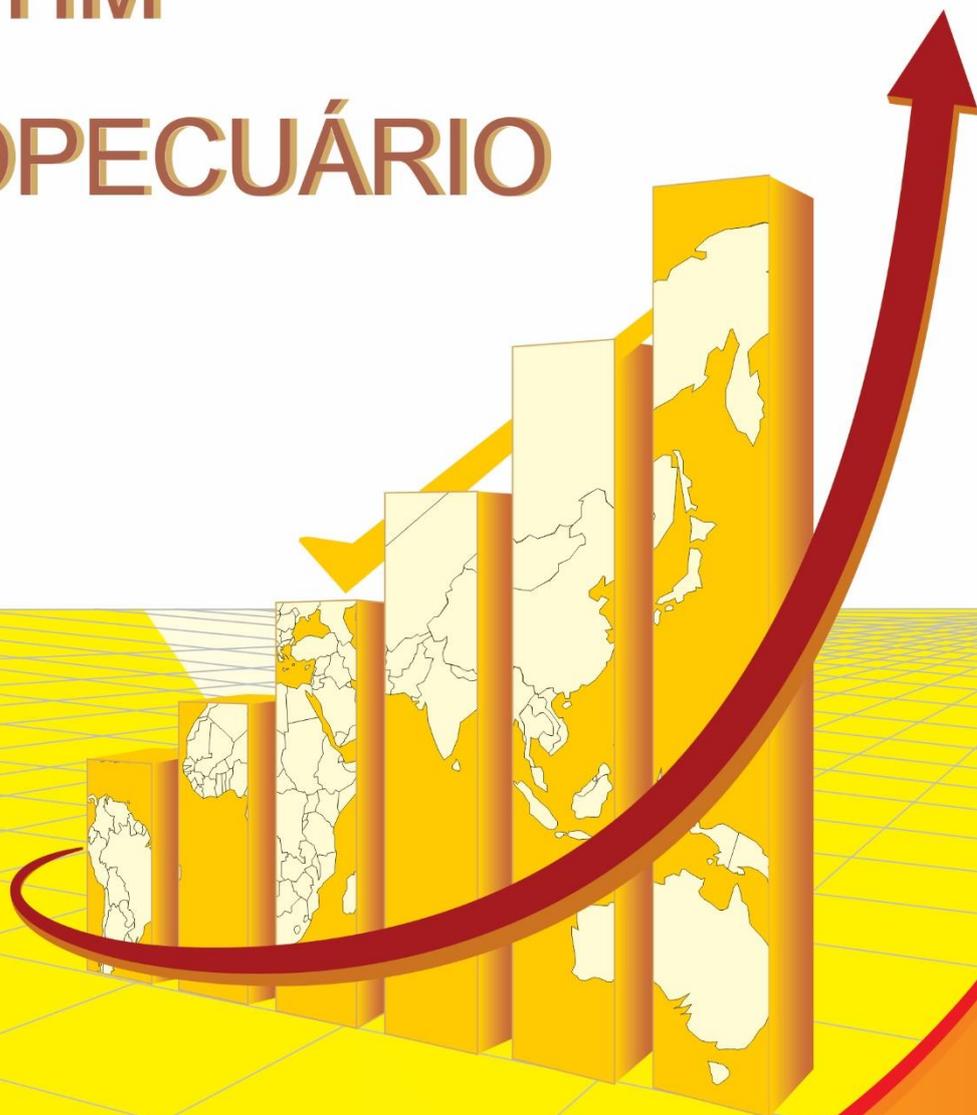


BOLETIM AGROPECUÁRIO





Governador do Estado
Carlos Moisés da Silva

Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural
Altair Silva

Presidente da Epagri
Edilene Steinwandter

Diretores

Célio Haverroth
Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Humberto Bicca Neto
Extensão Rural e Pesqueira

Vagner Miranda Portes
Ciência, Tecnologia e Inovação



ISSN: 0100-8986 (impresso)

ISSN: 2674-9521 (on-line)

DOCUMENTOS Nº 342

Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl

Felipe Jochims

Haroldo Tavares Elias

João Rogério Alves

Jurandi Teodoro Gugel

Rogério Goulart Junior

Tabajara Marcondes



Florianópolis
2021

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347 – Itacorubi
Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901
Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5078

Site: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes

Revisão técnica: Antonio M. Feliciano/Dilvan L. Ferrari/Janice M. W. Reiter/Luis Augusto Araujo/Luiz Carlos Mior

Colaboração:

Bruna Parente Porto

Carlos Koji Kato

Claudio Luis da Silveira

Cleverson Buratto

Édila Gonçalves Botelho

Evandro Uberdan Anater

Getúlio Tadeu Tonet

Gilberto Luiz Curti

Nilsa Luzzi

Orlando Fuchs

Saturnino Claudino dos Santos

Sidaura Lessa Graciosa

Edição: julho de 2021 – (*on-line*)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

EPAGRI/CEPA. **Boletim Agropecuário**. Julho/2021. Florianópolis, 2021, 53p. (Epagri. Documentos, 342).

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 – 70). Em abril/2019 passou a integrar a série Documentos com numeração própria. Análise de mercado; safras; conjuntura.

ISSN: 0100-8986 (impresso)

ISSN: 2674-9521 (*on-line*)

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Edilene Steinwandter
Presidente da Epagri

Sumário

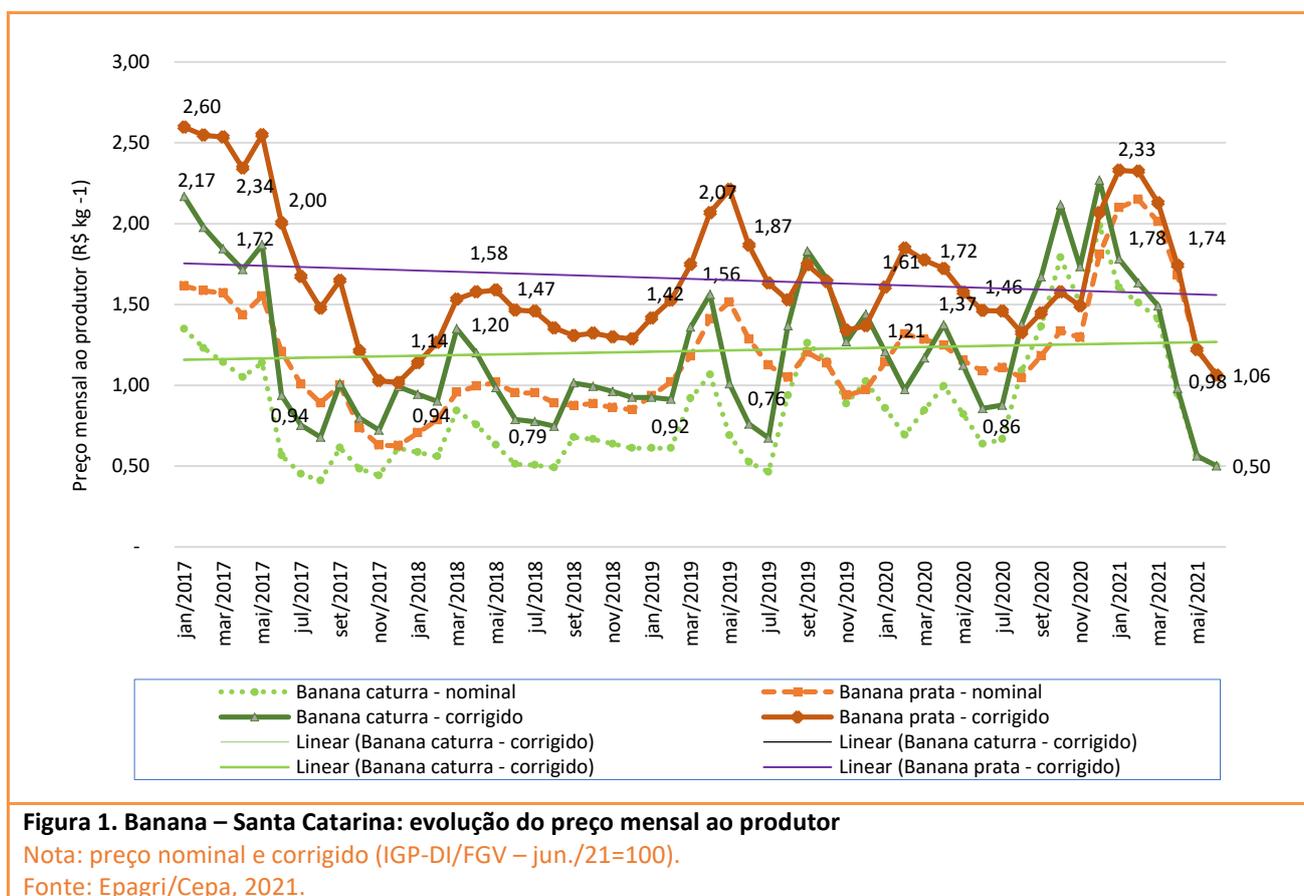
Fruticultura	7
Banana	7
Grãos	10
Arroz	10
Feijão	13
Milho.....	16
Milho - Silagem	20
Soja	23
Trigo.....	26
Hortaliças	30
Alho.....	30
Cebola	34
Pecuária	37
Avicultura.....	37
Bovinocultura	42
Suinocultura.....	46
Leite	51

Fruticultura

Banana

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

No mercado de preço da bananicultura a variação dos últimos meses reflete o impacto da baixa demanda interna devido à retração na economia e restrições para controle da pandemia, além dos efeitos climáticos e meteorológicos sazonais nas regiões produtoras.



Entre maio e junho de 2021 houve desvalorização de 10,9% nas cotações da banana-caturra, acompanhando as taxas negativas que nos meses de abril e maio acumularam -42,6%. O preço mensal de junho de 2021 segue desvalorizado em 41,5% em relação ao mesmo mês do ano anterior e 34% ao mesmo período do ano de 2019. A taxa média mensal das cotações foi negativa em 22,4%, nos seis primeiros meses de 2021, uma taxa maior que o mesmo período de 2020. A estratégia é direcionar parte da produção para exportações com ganho cambial, com expectativa de valorização nas cotações nos próximos meses.

Para a banana-prata, entre os meses de maio e junho de 2021, houve desvalorização de 13% nas cotações, com taxas negativas menores que as de abril-maio (-30%). O preço mensal de junho de 2021 segue desvalorizado em 27,4% em relação ao mesmo mês do ano anterior e 43% ao do ano de 2019. A taxa média mensal das cotações está negativa em 14,5%, nos seis primeiros meses de 2021. A expectativa é o aumento da demanda relativa no segundo semestre com melhoria na qualidade da variedade.

Tabela 1. Banana: – Santa Catarina: preço médio ao produtor (R\$.kg⁻¹) nas principais praças

Praça	Mês				Var. (%) Jun./Maio 21
	Mar. 21	Abr. 21	Maio 21	Jun. 21	
Jaraguá do Sul					
Caturra	1,29	0,50	0,40	0,49	22,5
Prata	1,83	1,27	1,13	1,10	-2,7
Sul Catarinense					
Caturra	1,53	1,23	0,69	0,51	-26,1
Prata	2,19	1,88	1,29	1,01	-21,7

Nota: Valores em R\$/cx. 20 a 22 kg transformados em R\$.kg⁻¹.

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban, jul. de 2021.

No Norte Catarinense, entre maio e junho o clima se manteve seco com pouca incidência de chuva. A chegada do frio a partir de maio apresentou temperaturas mínimas entre 3°C e 12°C e máximas de 23°C a 29°C nas regiões produtoras. Mas os bananais seguem em recuperação do volume médio de produção após o ciclone de 2020. A qualidade da fruta que apresentava melhora no início do período com os efeitos do frio intenso começa a afetar o enchimento dos cachos com diminuição da produção. O mercado segue com baixa oferta e os preços tendem a estabilizarem, mas, em níveis ainda muito baixos em relação ao custo médio de produção. A expectativa é a recuperação nas cotações da banana-caturra e da produção no segundo semestre com melhoria na qualidade das frutas.

No Sul Catarinense, entre maio e junho o clima ameno dos meses anteriores ficou mais seco com pouca chuva nas áreas em produção. As temperaturas mínimas ficaram entre 4°C e 10°C e as máximas entre 22°C e 32°C com maior variação entre as mínimas e máximas afetando o desenvolvimento dos cachos nos bananais. A concorrência com outras frutas da época manteve a demanda reduzida com desvalorização nas cotações de ambas as variedades na região. Nas áreas em produção os tratos culturais seguem sendo executados com diminuição no ritmo da colheita em função das baixas temperaturas com a chegada do inverno. A expectativa é a recuperação gradual nos preços com a redução da oferta da fruta no mercado e o aumento da demanda no segundo semestre.

Tabela 2. Banana – Santa Catarina: preço médio no atacado (R\$.kg⁻¹) na Ceasa/SC

Praça	Mês				Var. (%) Jun./Maio 21
	Mar. 21	Abr. 21	Maio 21	Jun. 21	
Florianópolis (Ceasa)					
Caturra	2,14	2,00	1,64	1,43	-12,8
Prata	3,33	2,74	2,48	2,24	-9,7
Jaraguá do Sul					
Caturra	2,17	1,58	1,24	1,29	4,0
Prata	3,09	2,40	2,17	2,06	-5,1
Sul Catarinense					
Caturra	2,20	2,05	1,71	1,41	-17,5
Prata	3,30	2,85	2,45	2,19	-10,6

Nota: Valores em R\$ por cx. 18 a 20 kg transformados em R\$.kg⁻¹.

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban, jul. de 2021.

As cotações no mercado atacadista, nas praças catarinenses, refletem os efeitos da estiagem e das baixas temperaturas na qualidade das frutas catarinenses. A comercialização de bananas de outras regiões produtoras do país com melhor qualidade e preços competitivos mantém as cotações e a demanda pela fruta catarinense baixas nas centrais de abastecimento estaduais. A expectativa é de recuperação da produção e da qualidade da banana-caturra no segundo semestre de 2021.

No primeiro semestre de 2021, o volume brasileiro exportado de banana foi de 55.211 toneladas com taxa de crescimento 4,9% em 2021 com relação ao ano anterior. O valor das exportações nacionais da fruta foi

de US\$ 18,3 milhões (FOB), com crescimento de 19,5% no 1º semestre de 2020 e 2021. Em 2021, Santa Catarina participou com 35,8% do volume exportado (19,7 mil toneladas) com redução de 8,6% em relação ao ano anterior. O valor negociado das exportações catarinenses foi de US\$ 5,8 milhões, no 1º semestre de 2021, com aumento de 11% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Tabela 3. Banana – Brasil: preço médio ao produtor (R\$.kg⁻¹)* nas principais praças

Praça	Mês			Variação (%) Jun./Maio 2021
	Maio/2021	Jun.2021	Jul./2021**	
Bom Jesus da Lapa (BA)				
Nanica	0,63	0,76	1,20	20,6%
Prata	1,38	1,20	1,10	-13,0%
Norte de Minas Gerais (MG)				
Nanica	0,62	0,76	1,17	22,6%
Prata	1,41	1,21	1,12	-14,2%
Vale do Ribeira (SP)				
Nanica	0,88	1,06	1,21	20,5%
Prata	1,64	1,45	1,38	-11,6%
Vale do São Francisco (BA e PE)				
Nanica	
Prata	1,35	1,13	1,15	-16,3%

(*) Preço médio mensal em R\$.kg⁻¹

(**) Preço médio até 15 de jul./21.

Fonte: Epagri/Cepa adaptado de CEPEA/Esalq/USP

Em maio, com a oferta reduzida nos bananais do Sudeste as cotações da banana-nanica se valorizam, enquanto o preço da banana-prata é desvalorizado devido à redução na demanda pela variedade devido à concorrência com a nanica e outras frutas da estação. Em junho a estiagem afeta áreas produtoras do Sudeste e o controle da pandemia reduz o fluxo de comercialização de hortifrúteis nas principais regiões consumidoras do país. As baixas temperaturas nas regiões do Sudeste afetam a qualidade da banana-prata com redução na demanda pela variedade e desvalorização nas cotações como estratégia de escoar a produção. As exportações da banana-nanica para o Mercosul, pelos estados sulinos e União Europeia, pelos estados nordestinos produtores reduzem a oferta da variedade e valorizam os preços internos no mercado atacadista nacional. Com menor poder de compra a preferência da demanda é pela banana-nanica com cotações mais acessíveis e melhor qualidade que as frutas do grupo prata.

Tabela 4. Banana – Santa Catarina: comparativo da estimativa de 2019/20 e 2020/21

Microrregiões	Estimativa 2019/20			Estimativa 2020/21			Variação (%) 2019-20		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtiv. média (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtiv. média (kg.ha ⁻¹)	Área colhida	Produção	Produtiv. média
Blumenau	4.311	139.525	32.368	4.407	96.238	21.838	2,23	-31,02	-32,53
Itajaí	3.574	120.048	33.585	3.572	71.008	19.879	-0,06	-40,85	-40,81
Joinville	12.972	385.327	29.703	12.929	223.256	17.268	-0,33	-42,06	-41,86
São Bento do Sul	347	7.052	20.345	520	9.969	19.171	49,86	41,37	-5,77
Araranguá	5.220	61.268	11.737	5.321	64.900	12.197	1,93	5,93	3,92
Criciúma	1.285	19.506	15.176	1.285	22.961	17.869	0,00	17,71	17,74
Tubarão	100	1.189	11.851	100	1.176	11.764	0,00	-1,06	-0,74
Total	27.810	733.915	26.391	28.134	489.509	17.399	1,17	-33,30	-34,07

Fonte: Epagri/Cepa (jul. 2021).

Grãos

Arroz

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Em Santa Catarina, os preços médios pagos ao produtor no mês de junho recuaram 9,7% em relação a maio, fechando o mês em R\$79,31/saca de 50 kg. No mercado gaúcho, segundo o Cepea, houve redução de 13,8% nos preços pagos aos produtores, fechando em R\$73,15/saca de 50 kg. Na comparação dos últimos 12 meses, no mercado catarinense, em termos reais, o preço pago ao produtor está 5,5% acima daqueles praticados há um ano.

Nesse momento o cenário da produção e do mercado de arroz ainda é favorável ao produtor, contudo, alguns aspectos devem ser considerados. O setor segue acompanhando o comportamento do mercado consumidor, que se mantém aquecido e também é favorecido pela taxa de câmbio, ainda alta em 2021. Por outro lado, as exportações tem apresentado redução nesse primeiro semestre, em comparação ao mesmo período do ano de 2020. Aliado à redução nas exportações, o dólar tem apresentado tendência de queda, podendo influenciar negativamente as cotações do cereal nos próximos meses.

Desde março de 2020, o efeito da pandemia trouxe um aumento no consumo de arroz em todo país, no início da crise sanitária, houve uma corrida dos consumidores aos supermercados, onde muitas famílias fizeram estoques de alimentos, temendo uma possível falta de produtos. Assim, em março de 2020, o valor pago ao produtor (preço nominal) no mercado catarinense estava em R\$48,33/sc 50kg, em outubro o preço médio estadual já estava em R\$88,25/sc 50kg, um aumento de 82,6%.

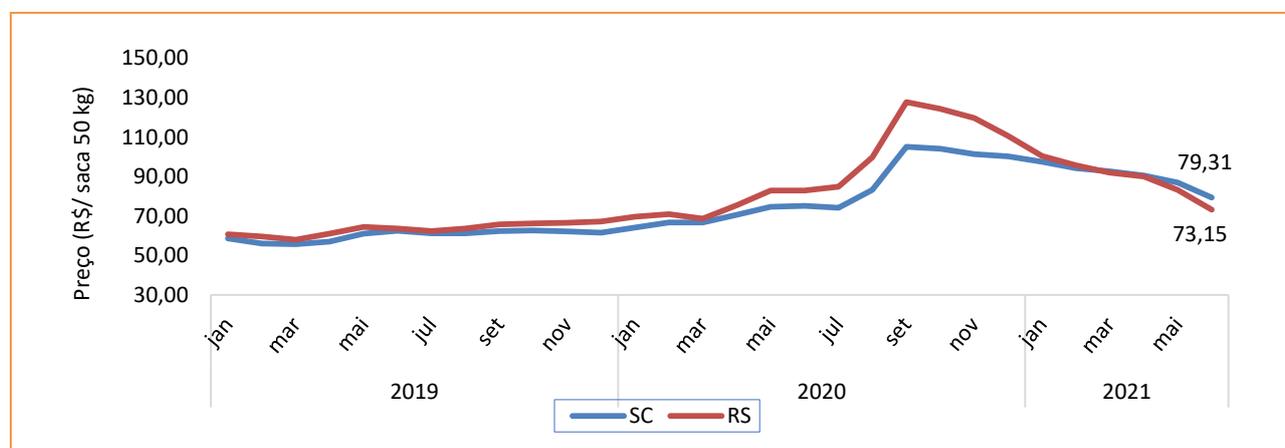


Figura 1. Arroz irrigado – SC e RS: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (janeiro/2019 a junho/2021)

Nota: preços corrigidos pelo IGP-DI (base junho/2021).

Fonte: Epagri/Cepa (SC) e Cepea (RS), julho/2021.

Oferta e Demanda

No mercado internacional, o clima de incerteza fez com que muitos países decretassem lockdowns. Diante da possibilidade de desabastecimento de alimentos, países produtores como Índia e Tailândia promoveram medidas restritivas às exportações, causando um aumento na demanda mundial pelo arroz. Isso fez com que os preços no mercado internacional disparassem, fator que contribuiu com as exportações brasileiras que se tornaram mais atrativas aos produtores. Com tradicionais exportadores revendo suas metas de

exportação, se abre uma oportunidade no mercado internacional para que o produto brasileiro, reconhecido de qualidade excepcional, conquiste uma fatia maior do comércio exterior.

A Conab prevê que devido às projeções de preços elevados, somada à estimativa de fortalecimento da moeda nacional, haverá redução do ritmo de exportações. A projeção é que o país venda 1,3 milhão de toneladas. Em junho as exportações de arroz (base casca) somaram 70,17 mil toneladas, 19,2% inferior às de maio de 2021 e 74,5% abaixo das de maio do ano passado. Considerando o primeiro semestre, as exportações em 2021 somam a metade do que foi exportado no mesmo período de 2020, foram 952,79 mil toneladas contra atuais 475,73 mil toneladas.

Já em relação às importações de arroz, a estimativa da Conab é de que devemos chegar ao final do ano com um volume importado de 1,1 milhão de toneladas. Considerando um estoque inicial de 1,6 milhão de toneladas e um consumo de 10,8 milhões de toneladas, a expectativa é de que o período encerre com um ameno superávit de 200 mil toneladas na balança comercial do grão.

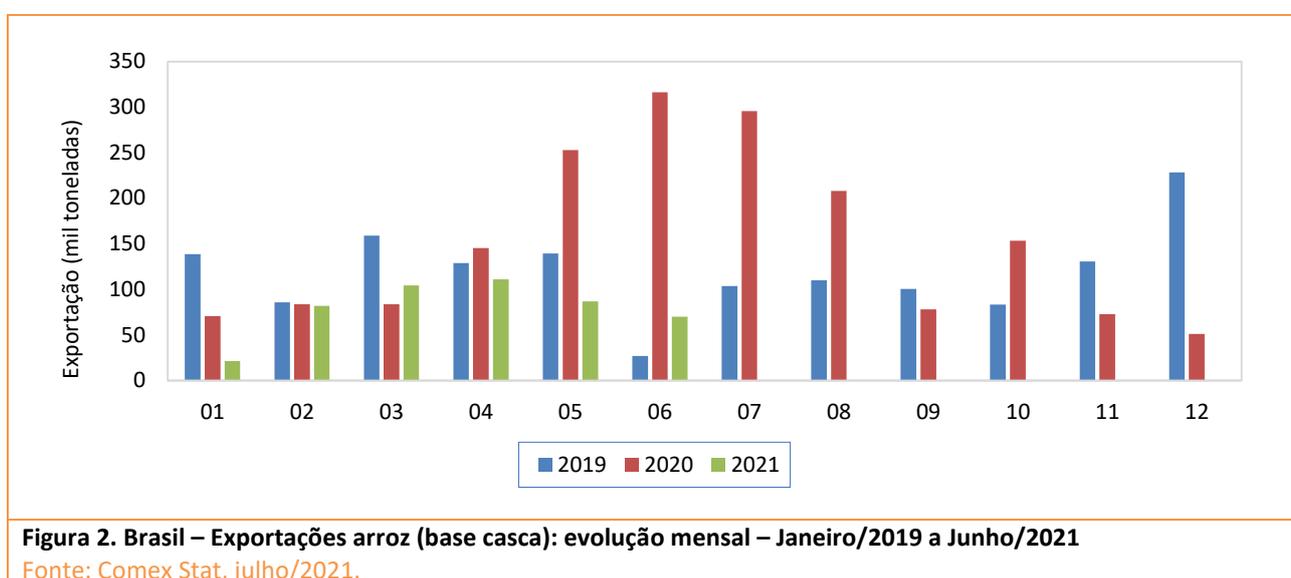


Figura 2. Brasil – Exportações arroz (base casca): evolução mensal – Janeiro/2019 a Junho/2021

Fonte: Comex Stat, julho/2021.

Safra

Segundo dados da Conab a safra brasileira de arroz para a temporada 2020/21 está com uma produção estimada de 11,76 milhões de toneladas, volume que corresponde a um aumento de 5,2% em relação à safra anterior. Para essa produção, foram cultivados cerca de 1.682 mil hectares, um incremento de 1,0% em relação à safra anterior. A produtividade também cresceu, nessa temporada foi alcançado um rendimento médio de 6.995 kg/ha, o que representa um incremento de 4,2% em relação ao obtido no ano anterior.

Em Santa Catarina, com a colheita do arroz encerrada, informamos os números finais em nossas estimativas para a safra 2020/21. Em todo estado, foram cultivados 148,3 mil hectares de arroz irrigado, uma redução de 0,79% em relação à safra anterior. A produtividade permaneceu praticamente a mesma da safra passada, com um pequeno incremento de 0,37%, passando dos 8.391 kg/ha, para atuais 8.422 kg/ha. Como resultado, teremos uma safra praticamente idêntica a alcançada na safra 2019/20, com uma produção de 1,25 milhão de toneladas. Santa Catarina permanece na segunda posição entre os estados produtores de arroz, contribuindo nesta safra com aproximadamente 11% da produção nacional.

Tabela 1. Arroz irrigado – Santa Catarina: comparativo das safras 2019/20 e 2020/21

Microrregião	Safra 2019/20			Estimativa Inicial – Safra 2020/21			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Prod.	Produt.
Araranguá	58.848	504.920	8.580	58.848	512.719	8.713	0,00	1,54	1,55
Blumenau	7.101	63.364	8.923	7.115	60.701	8.531	0,20	-4,20	-4,39
Criciúma	21.828	191.178	8.758	21.828	191.735	8.784	0,00	0,29	0,30
Florianópolis	1.902	11.783	6.195	1.895	11.333	5.981	-0,37	-3,82	-3,46
Itajaí	9.478	74.451	7.855	9.461	74.895	7.916	-0,18	0,60	0,78
Ituporanga	171	1.503	8.790	171	1.539	9.000	0,00	2,40	2,39
Joinville	18.226	150.295	8.246	18.232	146.238	8.021	0,03	-2,70	-2,73
Rio do Sul	10.668	89.466	8.386	10.695	92.338	8.634	0,25	3,21	2,95
Tabuleiro	132	739	5.598	132	877,8	6.650	0,00	18,78	18,79
Tijucas	2.164	16.201	7.486	2.164	15.780	7.292	0,00	-2,60	-2,59
Tubarão	18.940	150.239	7.932	17.738	140.697	7.932	-6,35	-6,35	0,00
Santa Catarina	149.458	1.254.139	8.391	148.279	1.248.853	8.422	-0,79	-0,42	0,37

Fonte: Epagri/Cepa, julho/2021.

Feijão

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Em junho, o preço médio pago para produtores catarinenses de feijão-carioca, para a praça de referência de Joaçaba, SC, permaneceu estável em relação a abril, fechando em R\$240,00/saca de 60 kg. No mercado paranaense, foi observada redução nos preços médios mensais na ordem de 5,33%. Mato Grosso do Sul e Goiás também registraram queda de 4,12% e 2,65%, respectivamente. No mercado catarinense, os preços do feijão-preto recuaram 10,69% em relação a maio, fechando a média mensal para a praça de referência de Canoinhas em R\$232,50/saca de 60 kg.

A estiagem que assolou as lavouras de feijão 2ª safra durante o mês de abril, associada à ocorrência de geadas na primeira quinzena de julho, comprometeu a produtividade das lavouras de feijão 2ª safra em muitas regiões produtoras. Além dos estados da Região Sul, regiões que há muitos anos não relatavam geadas, como Mato Grosso do Sul, São Paulo e Goiás, se ressentiram com o frio das últimas semanas, fora dos padrões normais para a época do ano. As geadas acabaram antecipando a etapa final de desenvolvimento das plantas de feijão, o que seguramente acarretará em redução na produtividade média.

O mercado do feijão segue em ritmo lento, na espera da confirmação das perdas provocadas por estiagens e geadas. Os compradores estão cautelosos, realizando compras pontuais para atender seus clientes. Os produtores estão atentos para redução da safra nacional, na expectativa de que os preços voltem a reagir e assim, possam conseguir melhores preços por sua produção.

Tabela 1. Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor – (R\$/60kg)

Estado	Tipo	Jun./21	Mai./21	Variação mensal (%)	Jun./20	Variação anual (%)
Santa Catarina⁽¹⁾	Feijão-carioca	240,00	240,00	0,00	238,50	0,63
Paraná		253,12	267,37	-5,33	273,91	-7,59
Mato Grosso do Sul		274,13	285,90	-4,12	256,90	6,71
Bahia		274,09	266,90	2,69	301,25	-9,02
São Paulo		283,25	298,25	-5,03	335,38	-15,54
Goiás		268,23	275,52	-2,65	288,53	-7,04
Santa Catarina⁽²⁾	Feijão-preto	232,50	260,32	-10,69	234,25	-0,75
Paraná		239,88	266,58	-10,02	221,75	8,18
Rio Grande do Sul		226,85	281,29	-19,35	207,90	9,11

⁽¹⁾Feijão-carioca: praça referência Joaçaba, SC.

⁽²⁾Feijão-preto: praça referência Canoinhas, SC.

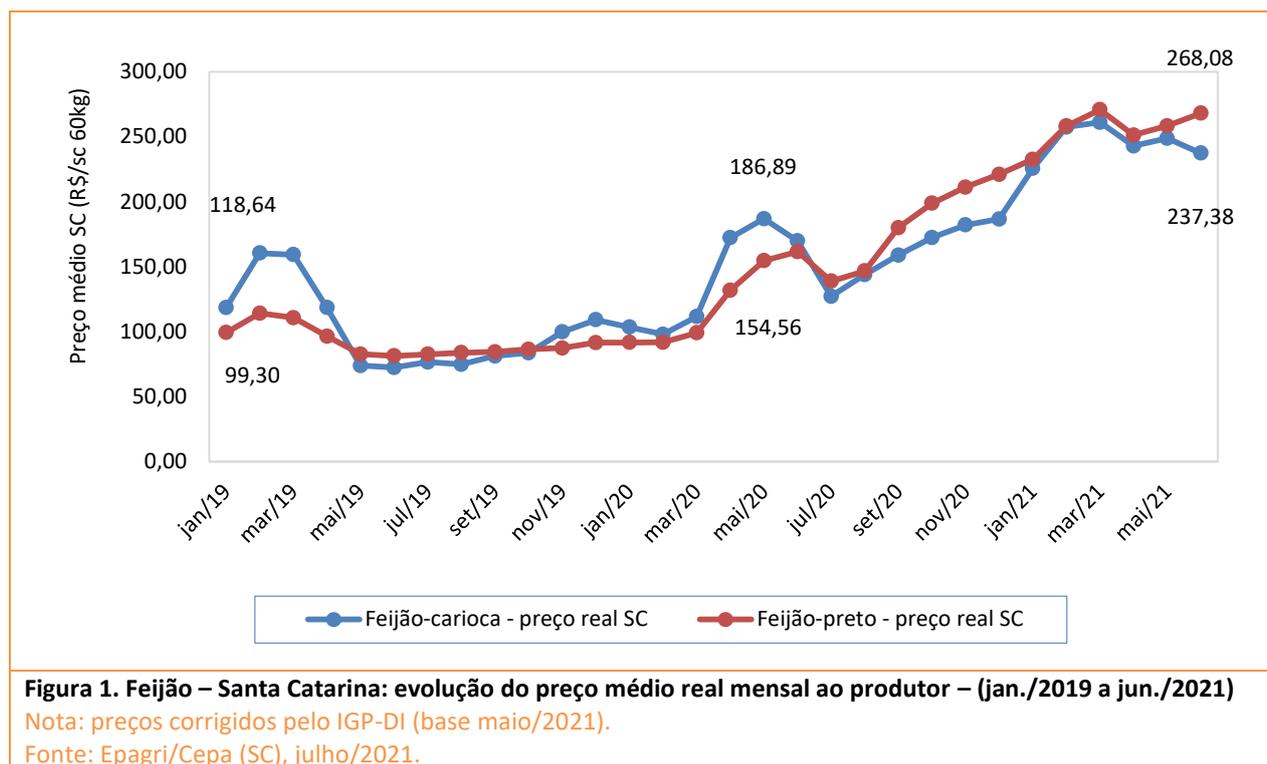
Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, BA, SP, GO e RS), julho/2021.

É importante destacar que no transcorrer do cultivo de feijão 2ª safra, foi registrada expectativa de incremento de plantio na ordem de 12% em relação à safra 2019/20. Os preços excelentes que vinham sendo praticados, aliado ao encurtamento da janela de plantio, devido ao atraso nas culturas de primeira safra, fizeram com que muitos produtores optassem pelo cultivo do feijão 2ª safra. Entretanto, com a estiagem nos meses de março e abril, a cultura teve dificuldades de desenvolvimento.

Em anos normais, os preços apresentam picos de alta e fases de baixa, resultados da diminuição da oferta nos períodos de entressafra. Eventos climáticos de grandes proporções, como estiagem ou excesso de chuvas, podem alterar esse comportamento, fazendo com que novos picos de alta e/ou baixa surjam

durante o ano. De maneira geral, em anos normais, a produção de feijão em todo território catarinense, com distribuição em duas safras, contribui para atenuar a sazonalidade dos preços.

Como pode ser observado, desde março de 2020 quando se deu o início dos efeitos da pandemia na sociedade, iniciou-se um movimento atípico de crescimento nos preços pagos aos produtores, que perdurou até março de 2021. A partir daí, os preços passaram a ter um comportamento mais estável, mas em patamares elevados. Com a pandemia, o comportamento do mercado consumidor foi alterado, com um aumento significativo do consumo em muitos momentos.



Safra Catarinense

Feijão 1ª safra

A colheita de feijão 1ª safra foi encerrada em Santa Catarina com produtividade média registrada em 1.707 kg/ha, ou seja, 2% menor do que a alcançada na safra passada. Nesta safra, a área plantada também apresentou uma redução de 8%. Os motivos já são conhecidos, no início da safra a estiagem que perdurou até a primeira quinzena de dezembro de 2020 prejudicou o desenvolvimento das lavouras de feijão em todo estado. Num segundo momento, a partir da segunda quinzena de dezembro até final de janeiro, o excesso de chuvas atingiu muitas lavouras no período de maturação e colheita. O resultado foi uma safra menor, com um volume de produção 10% inferior ao obtido na safra anterior.

Tabela 2. Feijão 1ª – Comparativo de safra 2019/2020 e 2020/2021

Microrregião	Safra 2019/2020			Estimativa Safra 2020/2021			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Produção	Produtividade
Araranguá	54	50	926	53	51	959	-2	2	4
Campos de Lages	7.530	8.375	1.112	6.500	12.772	1.965	-14	53	77
Canoinhas	6.200	14.420	2.326	7.450	8.767	1.177	20	-39	-49
Chapecó	2.208	4.585	2.077	1.772	2.123	1.198	-20	-54	-42
Concórdia	411	642	1.562	385	208	540	-6	-68	-65
Criciúma	675	778	1.153	682	793	1.163	1	2	1
Curitibanos	4.780	8.505	1.779	4.310	10.146	2.354	-10	19	32
Florianópolis	12	7	542	15	15	1.000	25	114	85
Ituporanga	1.010	1.628	1.612	930	1.650	1.774	-8	1	10
Joaçaba	2.369	3.435	1.450	2.885	5.113	1.772	22	49	22
Rio do Sul	596	965	1.618	558	927	1.662	-6	-4	3
São Bento do Sul	600	1.200	2.000	600	643	1.072	0	-46	-46
São M. do Oeste	825	1.669	2.023	775	992	1.280	-6	-41	-37
Tabuleiro	376	451	1.200	371	370	997	-1	-18	-17
Tijucas	166	172	1.033	180	219	1.214	8	27	18
Tubarão	773	963	1.246	767	958	1.249	-1	0	0
Xanxerê	7.384	15.047	2.038	4.874	10.759	2.207	-34	-29	8
Santa Catarina	35.969	62.891	1.748	33.107	56.507	1.707	-8	-10	-2

Fonte: Epagri/Cepa (SC), julho/2021.

Feijão 2ª safra

Com a colheita de feijão 2ª safra concluída, Santa Catarina registrou um incremento de 6% na área destinada a esse cultivo, passando de 24,7 mil hectares registrados na safra anterior, para 26,3 mil hectares alcançados nesta safra. Apesar desse aumento de área, o clima comprometeu o desempenho das lavouras resultando em produtividade 10% inferior a obtida na safra passada. Como resultado, deveremos colher cerca de 30 mil toneladas da leguminosa, volume 5% menor do que foi alcançado na safra 2019/20.

Tabela 3. Feijão 2ª – Comparativo de safra 2019/2020 e 2020/2021

Microrregião	Safra 2019/2020			Estimativa Safra 2020/2021			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Produção	Produtividade
Araranguá	602	368	611	602	362	601	0	-2	-2
Canoinhas	1.220	951	780	3.580	3.065	856	193	222	10
Chapecó	2.294	3.322	1.448	2.865	4.235	1.478	25	27	2
Concórdia	85	170	2.000						
Criciúma	2.416	1.707	707	1.010	695	689	-58	-59	-3
Ituporanga	1.265	1.331	1.052	1.070	1.231	1.150	-15	-8	9
Rio do Sul	521	445	855	468	489	1.044	-10	10	22
São Bento do Sul	60	39	650	150	110	733	150	182	13
São M. do Oeste	2.065	2.058	997	1.681	1.679	999	-19	-18	0
Tubarão	1.181	780	661	1.181	770	652	0	-1	-1
Xanxerê	13.005	20.287	1.560	13.665	17.323	1.268	5	-15	-19
Santa Catarina	24.714	31.459	1.273	26.272	29.958	1.140	6	-5	-10

Fonte: Epagri/Cepa (SC), julho/2021.

Milho

Haroldo Tavares Elias
 Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Em Santa Catarina os preços do milho se mantêm em patamares elevados, com a cotação ao produtor sendo de R\$ 84,98/sc na média mensal de junho (Figura 1). Nos demais estados, os valores estão se estabilizando, com a expectativa do período de colheita. **Entre os fatores que continuam influenciando as oscilações** dos preços estão o fator climático para a segunda safra no Brasil que já afetou de maneira significativa o potencial da produção, o também risco climático da safra dos EUA e a demanda da China pelo cereal. **Como fatores que podem influenciar na baixa** estão a melhora do clima da safra atual nos Estados Unidos, a desvalorização do dólar, o volume das importações no primeiro semestre pelo Brasil e o movimento da Bolsa de Chicago. Além disso, tem a demanda para produção de etanol nos EUA e Brasil, que apresenta mudança estrutural no mercado.

- A paridade das importações de milho da Argentina e Paraguai poderá servir como base dos preços internos. A liberação das importações de milho dos EUA¹ pode ser um fato relevante para indústria de proteína animal. No entanto, o produto proveniente do Paraguai e Argentina está mais viável no período.

- Os preços estão apresentando fortes oscilações, com recuo em junho e aumento das cotações na primeira quinzena em julho. As fortes geadas registradas nas regiões produtoras do Paraná e Mato Grosso do Sul influenciam os preços no período. No Mato Grosso do Sul, o relatório atual registra um forte recuo da produção, de 9,01 milhões de toneladas (MT) na estimativa de maio, para 6,2 MT em julho. No Paraná, a estimativa inicial que estava em 14,7 MT (produção da segunda safra) foi revisada para 9,8 MT no final de junho. Com a ocorrência de geadas nas regiões produtoras esta estimativa deverá ser reduzida ainda mais no relatório do Deral-PR no final de julho. Os dois estados são os principais fornecedores de milho para Santa Catarina.

- Em função da menor disponibilidade interna do produto, as cotações devem permanecer elevadas até fim do ano, acima da média dos anos anteriores.

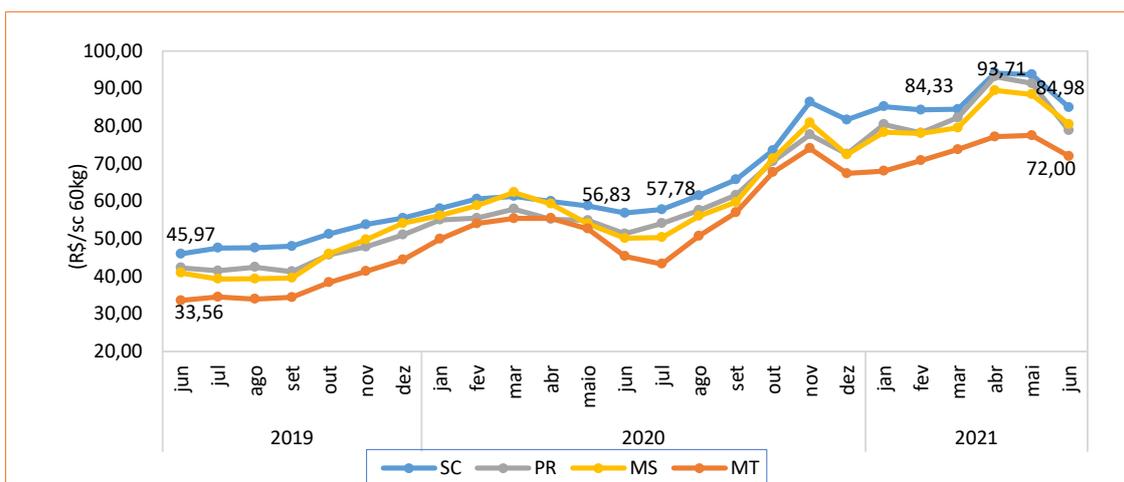


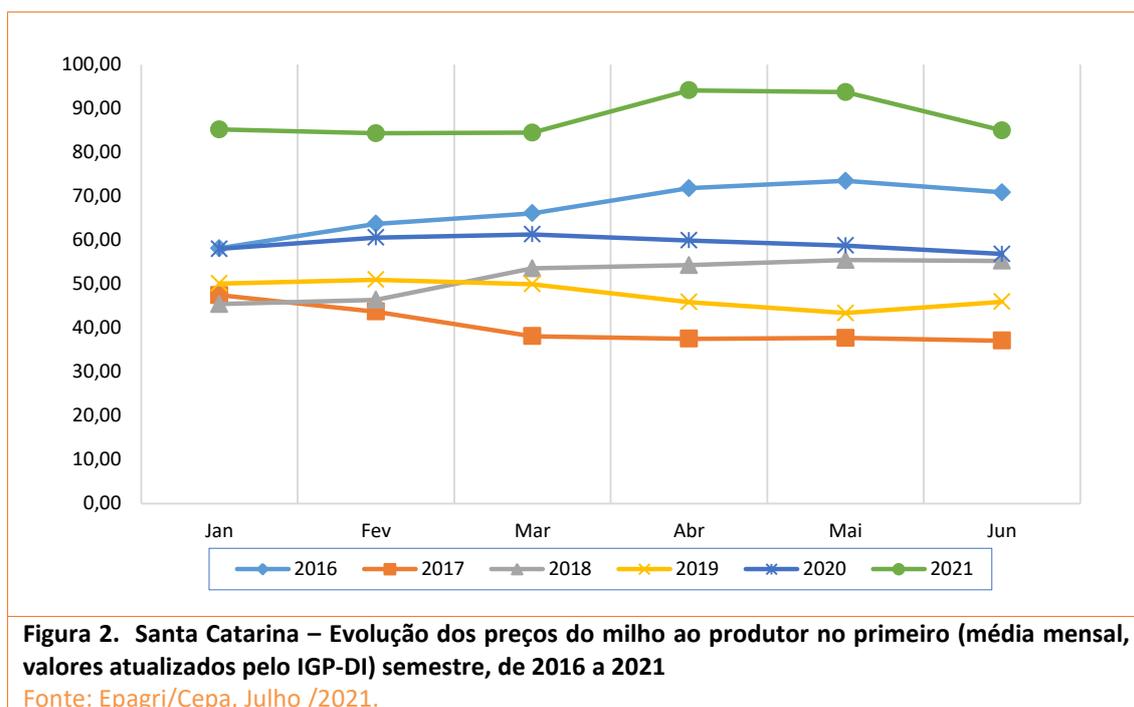
Figura 1. Milho – SC, PR, MT e MS: preço médio mensal pago ao produtor (R\$/sc de 60Kg) – junho/2019 a junho/2021 (atualizado IGP-DI)

Fonte: Epagri/Cepa, Deral-PR, FAMASUL-MS, Agrolink, janeiro/2021.

¹ Sinal verde para importação de milho dos EUA a partir de julho. Novas aprovações do CTNBio...Valor Econômico, 16.06.2021.

Preços

O comportamento dos preços do milho, no primeiro semestre dos últimos anos, tem apresentado instabilidade. Até o ano de 2019 se verifica uma tendência de baixa nas cotações em março, período de colheita da primeira safra. No entanto, nas últimas duas safras, o preço se mantém elevados mesmo nos meses de colheita. Esta situação está associada com a demanda crescente pelo cereal e produção em declínio da primeira safra (Figura 2). Já, o declínio dos preços em junho, é justificado pela expectativa da colheita da segunda safra, que representa cerca de 70% da produção total no Brasil.



Dados Finais da safra 2020/21 no estado

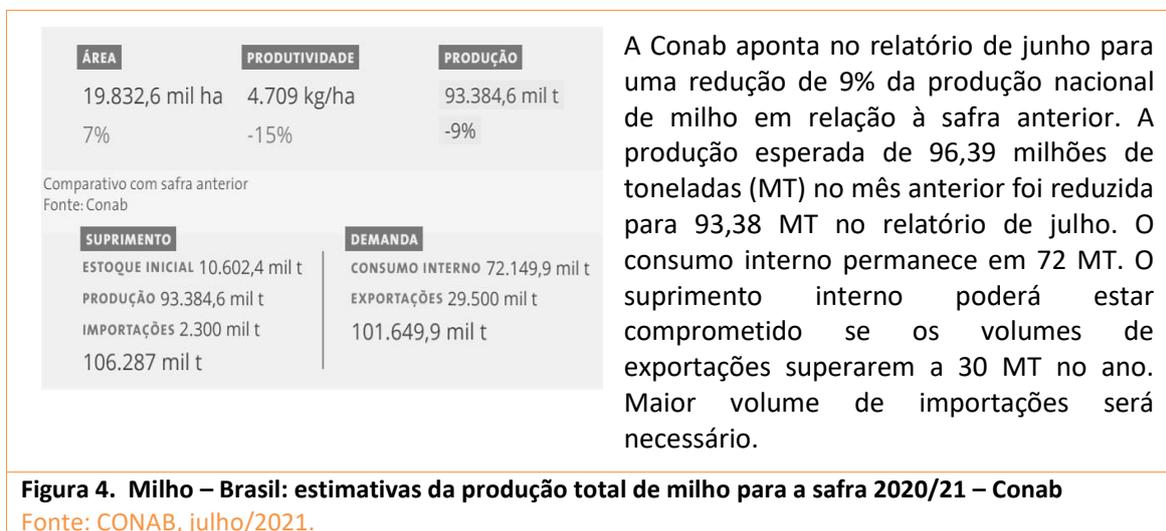
A irregularidade climática e a ocorrência de fatores biológicos marcaram a atual safra. A estiagem prolongada ocorrida em setembro e outubro de 2020 e o ataque de cigarrinha e complexo de doenças no início de 2021, ocasionaram perdas superiores a 27% na produção em relação à safra anterior, o que corresponde a cerca de 700 mil toneladas. Considerando a safra 2016/17 (a maior produtividade do período) em relação a 2020/21 (a menor produtividade do período), observa-se uma redução da área de cultivo em 9,26% e retração da produção de 41,4%. Nas últimas quatro safras mesmo mantendo a área cultivada estável em torno de 330 mil hectares, as condições climáticas têm determinado a redução do rendimento e por consequência da produção total de grãos. Cabe ressaltar que o estado possui uma demanda de 7,3 milhões de toneladas (estimativa em 2020) para suprir os setores da produção de suínos, aves e bovinos (leite e corte). Com a atual produção será necessário importar de outros estados e países cerca de 5,5 milhões de toneladas para suprimento em 2021.



Figura 3. Milho grão – Santa Catarina – área, produção e rendimento, de 2012/13 a 2020/2021

Fonte Epagri/Cepa, Sistema de Acompanhamento de Safra, Infoagro, julho/2021.

Estimativas da Safra Nacional de milho



As importações de milho do Brasil para 2021 estão estimadas em 2,3 milhões de toneladas ou não precisa desde para 2020/21, segundo Conab. Se realizado, seria ou será o maior volume já registrado, refletindo os fortes preços internos em meio à piora das perspectivas para a segunda safra de milho. Os preços chegaram a nível recorde nos estados do sul, onde a produção de aves e suínos está concentrada. Para favorecer a importação o governo emitiu um decreto em abril de 2021 isentando a taxa de importação de milho de fora dos países do Mercosul. As importações de milho, até o momento, foram principalmente do Paraguai e da Argentina devido aos preços mais viáveis ou mais competitivos? Em relação ao milho

doméstico. O milho importado tem como destino principal os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O valor do frete é alto para deslocar o milho das áreas de produção do Centro-Oeste para os estados do sul. Além disso, há um sistema tributário interestadual complexo. Em junho, o Brasil aprovou a importação de milho geneticamente modificado, abrindo caminho para o produto proveniente dos EUA. No entanto, em curto prazo, parece pouco provável que o Brasil vá comprar uma quantidade significativa de milho americano em virtude dos custos logístico-portuários.

Mercado Mundial²

Análise de Mercado Global reportado pelo USDA informa que, em alguns países, como Turquia, China e, inclusive no Brasil em 2020, a depreciação em relação a outras moedas teve grandes efeitos sobre os preços domésticos de alimentos e rações. Em um esforço para gerenciar os preços descontrolados dos alimentos, o setor Turco e Chinês de rações ou vem recorrendo a matérias-primas importadas mais baratas. Os DDGS³ com preços mais atraentes em relação aos insumos tradicionais para rações, como milho e farelo de soja, vêm se transformando em alternativa para rações. Na China, continua a recomposição de seu rebanho suíno. Preços altos do milho estão direcionando o setor de rações e alimentos para importações de insumos alternativos. O que apresentou uma oportunidade para as exportações de DDGS dos EUA serem reintegradas à Mistura de ração chinesa. Olhando para o futuro, DDGS podem ter um crescimento contínuo das exportações.

² USDA, Global Market Analysis. Foreign Agricultural Service/USDA 27 July, 2021.

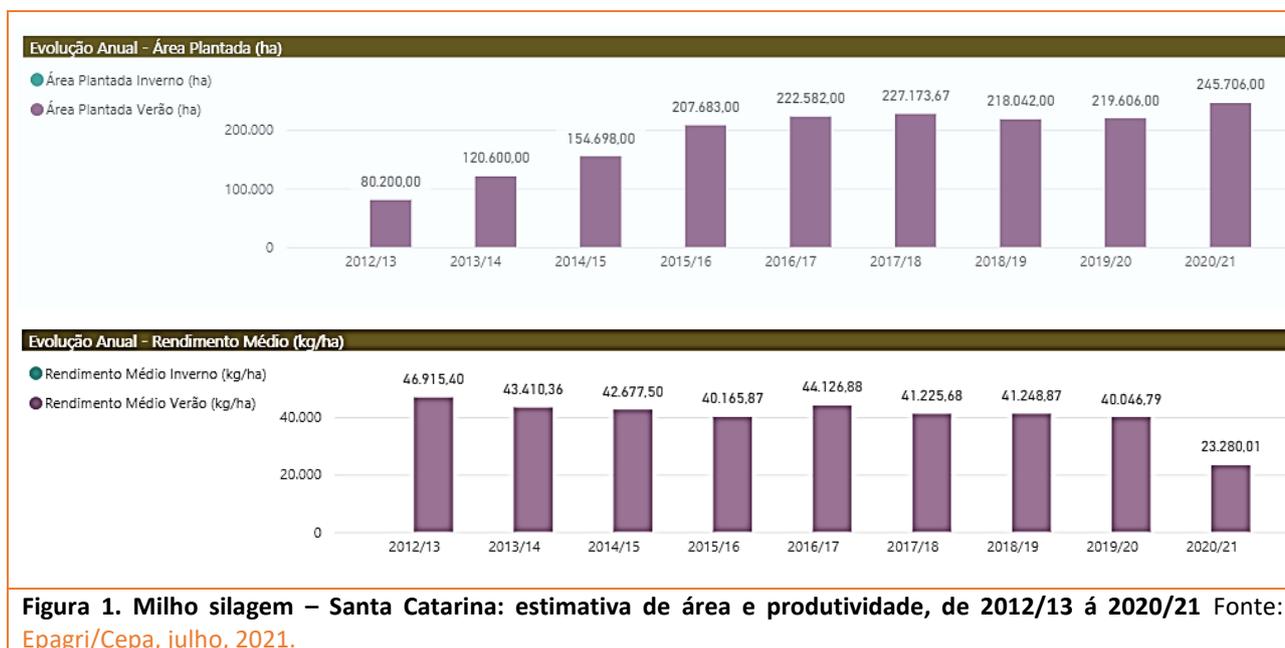
³ O DDG (do inglês, Dried Distillers Grains With Solubles) é o grão de milho seco por destilação e é um dos produtos da indústria de etanol de milho. Com a expansão do mercado do etanol de milho no Brasil, o DDG começa a ser ofertado no mercado nacional e mesmo internacional, com importância relevante principalmente para a nutrição do gado de corte e outros.

Milho - Silagem

Haroldo Tavares Elias
 Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
 htelias@epagri.sc.gov.br
 Felipe Jochims
 Zootecnista, Dr. – Epagri/Cepaf
 felipejochims@epagri.sc.gov.br

Milho para produção de silagem

No Brasil, a maior parte dos produtores de leite utiliza pastagens na alimentação de seus rebanhos. Isto ocorre por fatores econômicos, pela diversidade de solos e climas e pela grande quantidade de espécies forrageiras tropicais. Contudo, durante a estação seca ou inverno, as plantas forrageiras fornecem menor quantidade de alimento, e nem sempre é possível atender às necessidades dos animais. A área cultivada de milho silagem em Santa Catarina, na safra 2020/21, foi de 245 mil hectares. Esta safra foi marcada por período prolongado e severo de estiagem, com precipitações abaixo do padrão esperado nos meses de setembro e outubro de 2020, causando perda estimada de 34% na produção estadual em relação à safra anterior (Figura 1). Historicamente os produtores colhem em média 40 toneladas por hectares de massa verde⁴ e, na safra atual, devido principalmente a estiagem, a produtividade média caiu para 23,7 t/ha.



Safra 2020/2021

As condições inadequadas de clima proporcionaram lavouras com baixo estande de plantas, e uma grande redução na produção de grãos. Por sua vez, esses fatores ocasionaram uma silagem com

⁴ A silagem contém de 35-40% matéria seca.

qualidade nutritiva baixa. Em situações extremas de déficit de alimento e devido ao baixo desenvolvimento da lavoura, com pouca formação de espigas, os agricultores colheram as plantas de milho inteiras, fornecendo picadas aos animais. Também em função do déficit hídrico, áreas programadas para produção de grãos foram destinadas para silagem, ainda que com baixa qualidade, elevando a estimativa inicial de área para silagem ao longo da safra, alcançando 245,7 mil hectares. As regiões mais prejudicadas foram: São Miguel do Oeste, com perdas de 43,5%, Chapecó, perdas de 51,5%, Concórdia, com perdas estimadas em 44,2% e Xanxerê de 39,4%. As regiões mais afetadas são aquelas em que as lavouras estavam na fase de floração, período sensível à falta de umidade do solo. As chuvas registradas no final de novembro de 2020 não amenizaram a situação, pois as perdas já estavam consolidadas, conforme levantamento por microrregião (Tabela 2). A maior dificuldade está sendo no decorrer de 2021, pois muitos produtores utilizaram a silagem produzida no início do ano e, não terão reservas em quantidade suficiente para alimentação dos bovinos. Há relatos de vendas de matrizes/vacas em função da elevação dos custos de produção pela necessidade de aquisição de alimentos conservados e concentrados, aliados e falta de forragens na propriedade.

Tabela 1. Milho silagem – Santa Catarina: área, produção e rendimento, evolução do plantio das safras 2019/2020 e 2020/2021

MRG	Safr 2020/21 – inicial			Safr 2020/21 – atual			Variação %		
	Área (ha)	Prod. (kg/ha)	Quantidade (t)	Área (ha)	Prod. (kg/ha)	Quantidade (t)	Área	Prod.	Quant.
Araranguá	4.766	35.000	166.810	4.766	33.314	158.775	0,0	-4,8	-4,8
Blumenau	1.862	37.790	70.365	1.949	35.227	68.658	4,7	-6,8	-2,4
Campos de Lages	5.060	40.883	206.868	5.400	35.587	192.170	6,7	-13,0	-7,1
Canoinhas	6.100	43.230	263.700	6.300	32.905	207.300	3,3	-23,9	-21,4
Chapecó	55.424	42.429	2.351.590	57.056	20.007	1.141.533	2,9	-52,8	-51,5
Concórdia	23.115	40.343	932.530	30.698	16.951	520.366	32,8	-58,0	-44,2
Criciúma	4.695	45.137	211.918	4.695	43.464	204.066	0,0	-3,7	-3,7
Curitibanos	2.810	48.473	136.210	2.810	24.206	68.020	0,0	-50,1	-50,1
Florianópolis	195	27.051	5.275	195	27.051	5.275	0,0	0,0	0,0
Itajaí	215	42.209	9.075	215	37.851	8.138	0,0	-10,3	-10,3
Ituporanga	1.960	38.107	74.690	1.960	36.026	70.610	0,0	-5,5	-5,5
Joaçaba	16.735	47.908	801.735	16.169	23.170	374.630	-3,4	-51,6	-53,3
Joinville	150	35.000	5.250	150	35.000	5.250	0,0	0,0	0,0
Rio do Sul	11.200	35.153	393.710	11.200	33.526	375.490	0,0	-4,6	-4,6
São Bento do Sul	900	40.000	36.000	900	31.000	27.900	0,0	-22,5	-22,5
São M. do Oeste	53.947	42.290	2.281.426	67.631	19.053	1.288.565	25,4	-54,9	-43,5
Tabuleiro	1.175	33.936	39.875	1.175	33.298	39.125	0,0	-1,9	-1,9
Tijucas	1.140	33.246	37.900	1.140	32.895	37.500	0,0	-1,1	-1,1
Tubarão	11.625	38.208	444.165	11.625	37.003	430.159	0,0	-3,2	-3,2
Xanxerê	19.350	49.948	966.500	19.672	25.239	496.510	1,7	-49,5	-48,6
Total geral	222.424	42.422	9.435.592	245.706	23.280	5.720.038	10,5	-45,1	-39,4

Fonte: Epagri/Cepa, Julho, 2021.

Mercado de Silagem

O mercado de silagem, embora crescente, ainda é pouco expressivo no contexto geral do estado. A maioria dos produtores cultiva o milho para produção de silagem e consumo animal na sua própria propriedade.

Algumas empresas atuam neste mercado crescente, como é o caso no sul do estado aonde uma empresa produz e comercializa silagem na própria região a R\$400,00/toneladas.

No Oeste, já há algumas empresas especializadas no serviço de corte, trituração e compactação para a produção silagem que ocorre na propriedade produtora de milho que a contratou. Os valores reportados neste caso estão entre R\$ 900,00 a R\$1.000,00 por hectare de lavoura processada.

No entanto, na maioria das regiões os negócios são realizados entre produtores vizinhos, evitando assim os custos de transporte. Normalmente o valor é calculado sobre o rendimento da lavoura, no caso o milho, adicionando um percentual de 10 a 20 % sobre o rendimento estimado em grãos. Por exemplo, numa lavoura com estimativa de colheita de 140 sc/ha, a preços de janeiro de 2021 do milho a R\$76,82/sc, a lavoura teria o valor comercializado de R\$ 10.754,00.

A avaliação é a de que existe um mercado crescente para silagem que se estabelece em função da adoção de sistemas intensivos (na sua maior parte confinados) de produção de leite e carne por parte de produtores com restrição de área de cultivo para produção própria de silagem.

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Em junho de 2021 foi registrada a menor cotação desde setembro de 2020 em termos de valores médios mensais (valor corrigido IGP-DI). Os preços praticados nos diferentes estados analisados estão próximos desde o início do ano (Figura 1). No entanto, houve grandes oscilações nos últimos 30 dias. Os preços internacionais registraram quedas que, associados e à desvalorização cambial pressionaram a diminuição dos preços da soja no mercado interno em junho. Outro fator importante é a expectativa de produção da safra americana que deve estar definida, em função da fase da cultura, somente até meados de agosto.

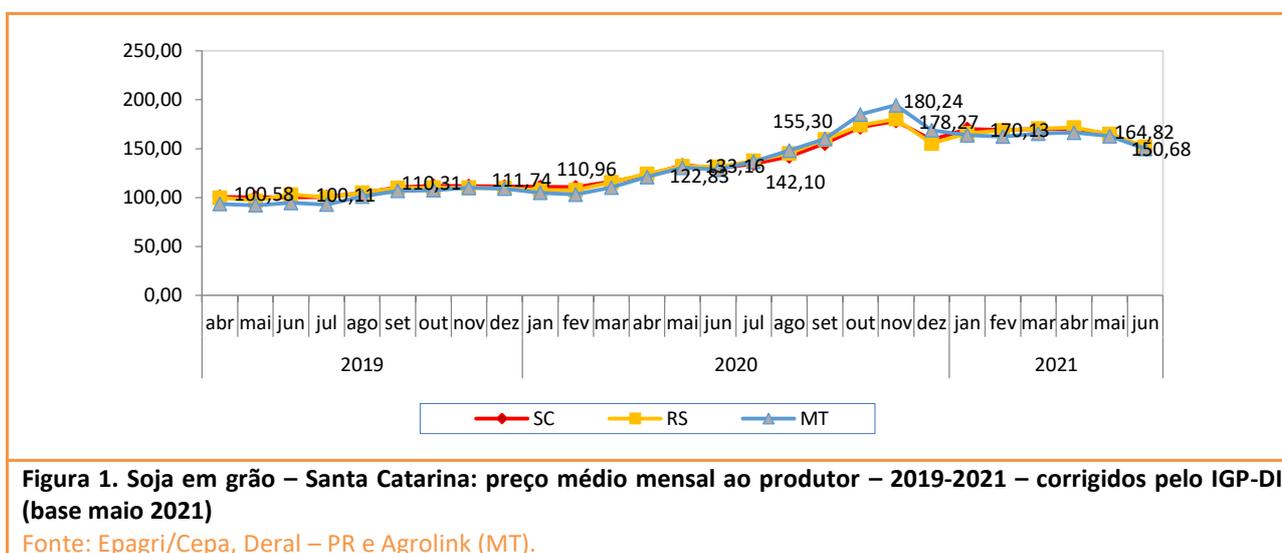


Figura 1. Soja em grão – Santa Catarina: preço médio mensal ao produtor – 2019-2021 – corrigidos pelo IGP-DI (base maio 2021)

Fonte: Epagri/Cepa, Deral – PR e Agrolink (MT).

Preços diários

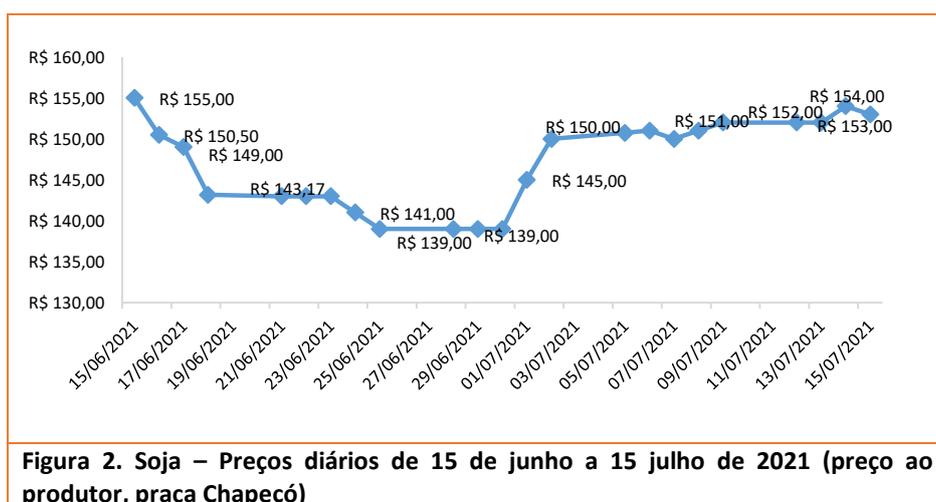


Figura 2. Soja – Preços diários de 15 de junho a 15 julho de 2021 (preço ao produtor, praça Chapecó)

Após apresentar recuo significativo em junho, o dólar volta a se valorizar em julho (até dia 11), o que se reflete nos preços das commodities. Além do câmbio, a instabilidade dos preços da soja está associada com a expectativa da safra norte americana, o volume de importações da China⁵, e sua relação com fatores internos (Figura 2).

⁵ * Commodities: Compras da China puxam alta de trigo e soja (Valor Econômico Agro, 16/07/2021).

Acompanhamento Safra 2020/2021 em Santa Catarina

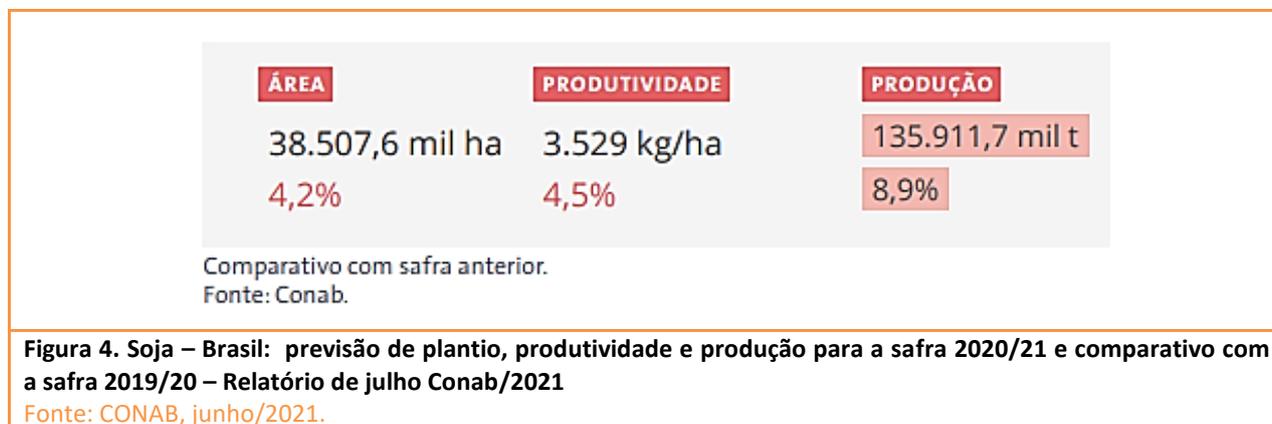
No período de 2012/13 a 2020/21, a área de cultivo avançou 34%, o que corresponde a 179 mil hectares. Na safra finalizada (2020/2021), houve um aumento de 11,3 mil hectares na área de soja no estado, o que representa 1,6% de elevação em relação à safra anterior. Isto confirma a tendência de elevação contínua da área cultivada de soja em Santa Catarina. A produtividade média nas últimas cinco safras foi de 3.500 kg/ha, no entanto, nas últimas duas o rendimento foi inferior, refletindo problemas climáticos, em especial a estiagem no início da última safra, que atrasou o plantio em várias regiões. Contudo, a produção da safra atual foi 3,9% superior a anterior, alcançou 2,38 milhões de toneladas.



Figura 3. Soja – Evolução da área, produção e rendimento – 2012/13 a 2020/21 – Infoagro, julho/2021

Safra Nacional 2020/2021⁶.

A última estimativa para a safra 2020/21 (relatório de julho, 2021) é de crescimento da área plantada da oleaginosa, alcançando 38,5 milhões de hectares, o que representa um aumento de 4,2% em comparação à safra anterior (Figura 4). A estimativa da produção do relatório de junho da CONAB está em 135,91 milhões de toneladas, 8,9% superior a safra 2019/20.



⁶ Conab | acompanhamento da safra brasileira de grãos | v.8 – safra 2020/21, nº10 – nono levantamento | julho 2021.

Mercado Internacional

O Brasil se consolida como maior produtor e exportador de soja mundial de acordo com dados do USDA⁷. Os números estimados do USDA estão muito próximos dos da CONAB para a produção do Brasil em 2020/21, ou seja, 137 milhões de toneladas (MT). Para a próxima safra, o USDA estima em 144 MT a produção brasileira, um aumento de 2,9%. Enquanto a China manter seu consumo crescente, a produção da oleaginosa continuará sendo impulsionada.

Produção Mundial (milhões de t)

Tabela 1 . Soja – Quadro dos principais produtores mundiais de soja, em milhões de toneladas – Jul./2021

	2017/18	2018/19	2019/20	2020/21	Jun 2021/22	Jul 2021/22
Production						
Brazil	123,400	119,700	128,500	137,000	144,000	144,000
United States	120,065	120,515	96,667	112,549	119,884	119,884
Argentina	37,800	55,300	48,800	46,500	52,000	52,000
China	15,283	15,967	18,100	19,600	19,000	19,000
India	8,350	10,930	9,300	10,450	11,200	11,200
Paraguay	11,046	8,520	10,100	9,900	10,500	10,500
Canada	7,717	7,417	6,145	6,350	6,400	6,100
Other	20,520	22,928	21,797	21,225	22,540	22,540
Total	344,181	361,277	339,409	363,574	385,524	385,224

Fonte: USDA, Julho/2021.

Consumo Mundial (milhões de t)

Tabela 2. Estimativa do consumo mundial de soja, em milhões de toneladas

	2020/21	2021/22	(%)
China	114,5	119,7	4,5
EUA	61,9	63,8	3,0
Brasil	49,4	50,4	1,9
Argentina	48,7	50,4	3,4
Demais	94,4	96,9	2,6
Mundo	368,9	381,1	3,3

Fonte: USDA, Julho/2021.

No levantamento de julho o USDA apresenta para a China e EUA, com aumento de 4,5% e 3% respectivamente para 2022. Isto representaria em termos absolutos mais de 12 milhões de toneladas de elevação no consumo mundial. No Brasil a estimativa é de aumento de 1,9%, ou seja, um milhão a mais no consumo em 2022 em relação ao ano de 2021.

⁷ USDA. Global Market Analysis. Foreign Agricultural Service/USDA 15 July 2021.

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mês de junho, as cotações no mercado de balcão (valor pago ao produtor) para a saca de 60kg de trigo no mercado catarinense tiveram variação negativa de 3,71% em relação ao mês de maio. No mercado paranaense foi registrada queda nos preços de 7,97%, enquanto no mercado gaúcho, baixa de 3,87%. A variação anual de preços nesse período, em termos nominais, no mercado catarinense, foi 50,06% superior ao preço médio praticado em junho de 2020.

Os fatores que levaram a queda acentuada de preços no mercado interno podem ser atribuídos à desvalorização do dólar frente ao real, o que favorece as importações do cereal, e pela baixa procura por parte dos compradores. Ao que tudo indica, os moinhos estão abastecidos com o cereal e aguardam a movimentação do mercado internacional para fazer novas aquisições. Com relação às indústrias de rações, essas deverão aguardar novos números referentes à quebra da safra nacional de milho para então definirem as aquisições de trigo.

Tabela 1. Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor – R\$/saca de 60kg

Estado	Jun./21	Mai./21	Variação mensal (%)	Jun./20	Variação anual (%)
Santa Catarina	82,55	85,73	-3,71	55,01	50,06
Paraná	79,01	85,85	-7,97	58,48	35,11
Mato Grosso do Sul	80,91	85,25	-5,09	56,75	42,57
Goiás	93,63	97,00	-3,47	69,75	34,24
Rio Grande do Sul	80,72	83,97	-3,87	53,69	50,34

Nota: Trigo Pão PH78.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, GO e RS), julho/2021.

Desde janeiro de 2020, os preços pagos aos produtores de trigo passaram a apresentar um comportamento de alta. Com o agravamento da crise sanitária, a partir de março de 2020, foi observado um aumento da procura dos produtos derivados do trigo, como massas e farinhas, fator que contribuiu para dar sustentação dos preços em patamares elevados. Também nesse período, problemas climáticos como geadas fora de época e estiagens, prejudicaram as safras de verão e de inverno, sobretudo na Região Sul do país, que no caso do trigo, responde por mais de 90% da produção nacional.

Com uma oferta interna menor e o dólar aquecido, produtores se beneficiaram do mercado favorável. Assim, em janeiro de 2020 o valor pago ao produtor no mercado catarinense (preço nominal) estava em R\$41,45/sc 60kg, em abril de 2021 o preço médio estadual já estava a R\$87,27/sc 60kg, um aumento de 110,5%. Por outro lado, o custo de produção do trigo aumentou 45% nessa safra 2021/22. Em abril desse ano, o custo operacional de produção do cereal foi de R\$ 4.827,41/ha, frente aos R\$ 3.317,20/ha desembolsados em abril do ano passado.

Mesmo com um aumento significativo nos custos de produção, os preços do trigo atualmente praticados ainda compensam a elevação do custo de produção. Quando analisamos a relação de troca, podemos constatar que em abril de 2020, eram necessárias 4,47 sacas de 60 kg de trigo (PH78) para adquirir uma cesta de agrotóxicos, já em abril de 2021, 3,01 sacas foram suficientes, uma diminuição de 31,1% (1,36 saca a menos).

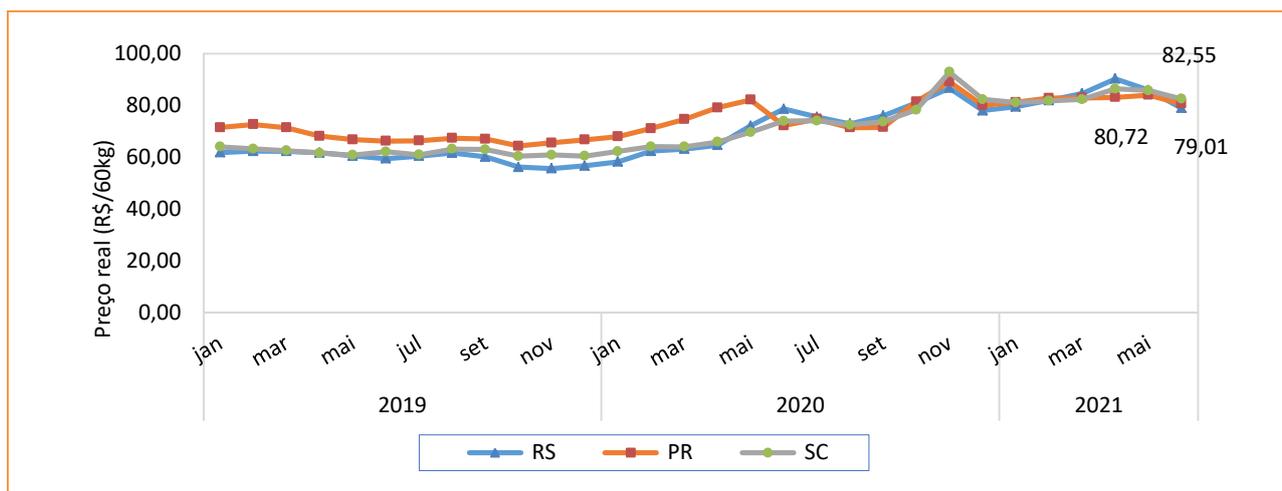


Figura 1. Trigo Grão – SC, RS e PR: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (janeiro/2018 a junho/2021)

Nota: preços corrigidos pelo IGP-DI (base junho/2021).

Fonte: Epagri/Cepa (SC) e Cepea (RS), julho/2021.

Safra

Em Santa Catarina houve avanço significativo na semeadura do trigo, influenciado, principalmente, pelas condições climáticas mais favoráveis. Nesse cenário benéfico, dos 88,2 mil hectares destinados à semeadura do cereal, cerca de 74,2% já foi semeado. Atualmente, as lavouras já implantadas estão em fase de germinação e desenvolvimento vegetativo, visto que as suas condições são consideradas como boas, até o momento, mesmo com a ocorrência de geadas.

Em Santa Catarina, nossas estimativas referentes ao mês de junho apontam para um incremento bastante significativo em comparação ao mês anterior. Com uma janela de plantio que se encerra em agosto, a definição de plantio em muitos municípios ocorre mais tardiamente. Assim, para a safra 2021/22, é esperado um aumento de 51% na área de cultivo. Em todas as regiões produtoras deve-se ter aumento na área semeada com trigo. Para as plantas que estão à campo, condição de lavoura é considerada boa.

Nas Microrregiões Geográficas de Rio do Sul e Ituporanga, que juntas responderam por apenas 3% da área e 2% da produção estadual nessa safra, as operações de plantio já foram encerradas. Para essas MRG's, as lavouras apresentam boa condição agrônômica, com lavouras em fase de perfilhamento. Na MRG de Campos de Lages, as operações de plantio devem se intensificar a partir da segunda quinzena de julho.

Para as MRG's de Canoinhas e São Bento do Sul, que respondem por 22,4% na área estadual cultivada com trigo, as operações de plantio avançaram significativamente por conta do período de semeadura recomendado para a região e pelas boas condições climáticas. Entretanto, em algumas áreas, os trabalhos de plantio tiveram que ser interrompidos por conta do excesso de umidade no solo, principalmente quando o plantio é realizado com a utilização de máquinas mais pesadas. Nesse território, até a segunda quinzena de julho o plantio deverá estar encerrado.

Nesta safra, as MRG's de Chapecó e Xanxerê deverão cultivar 41,5% da área de trigo do estado. O plantio nestas duas microrregiões está bastante adiantado, devendo atingir 100% de semeadura ainda na primeira quinzena de julho. As condições climáticas seguem favoráveis e na maioria das lavouras, as plantas encontram-se em fase de germinação e desenvolvimento vegetativo. Na MRG de São Miguel do Oeste, que contribuirá com aproximadamente 7,6% da área de trigo nessa temporada, as operações de plantio estão encerradas, com lavouras também em boas condições de desenvolvimento vegetativo.

Já para as MRG's de Curitibaanos, Joaçaba e Concórdia, onde são registrados incrementos importantes na área plantada para a nova safra, a formação de geadas e as temperaturas negativas não comprometeram a

evolução das operações de plantio. Nesta região, a janela ideal de plantio se estende até o final de julho, porém, se o tempo permitir pode ser finalizado antes. As lavouras com plantas já germinadas desenvolvem-se normalmente. As condições de precipitação e temperaturas baixas tem sido consideradas ideais para a cultura.

Mais uma vez, os fatores fundamentais para esse expressivo aumento de área plantada são: a) alta nas cotações do dólar, o que inibe a aquisição de trigo importado; b) preços pagos ao produtor elevados, c) redução dos estoques dos moinhos, levando compradores a adquirir novos lotes do produto; d) melhor utilização dos componentes do custo de produção, como máquinas e mão de obra; e) melhoria nas condições de solo para o plantio direto de culturas de verão.

Também vale a pena registrar novamente que, a Secretaria de Estado da Agricultura, Pesca de Desenvolvimento Rural - SAR, está investindo R\$ 5 milhões para apoiar os produtores de cereais de inverno. O programa prevê a concessão de uma subvenção de R\$ 250,00 por hectare efetivamente plantado com cereais de inverno, cujo destino da produção seja a fabricação de rações, num limite de 10 hectares por produtor. A intenção da SAR é ampliar em 20 mil hectares a área estadual cultivada com cereais de inverno já nesta safra.

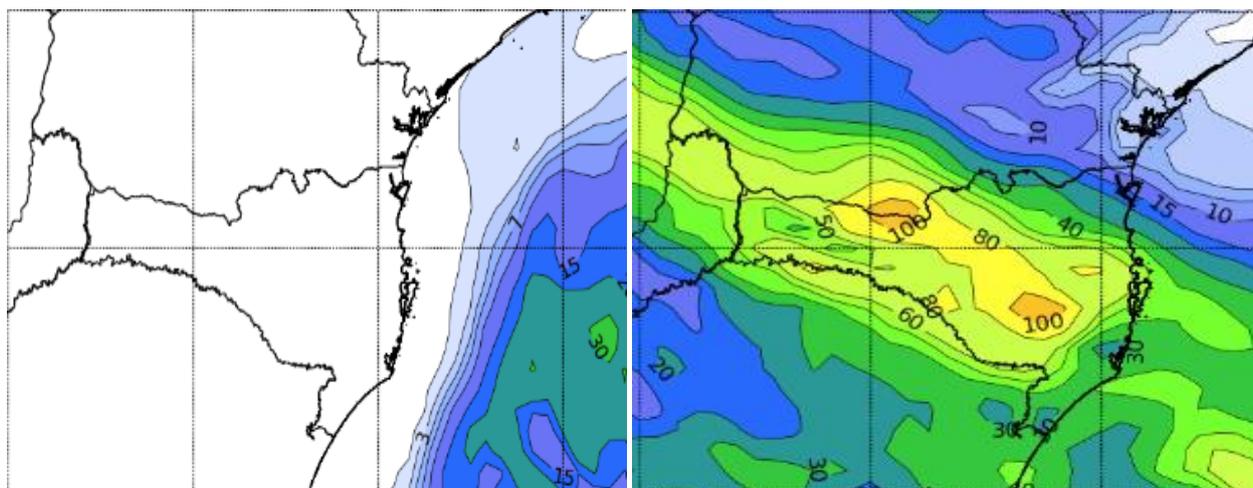
Tabela 2. Trigo grão – Comparativo entre a safra 2020/21 e estimativa safra 2021/22

Microrregião	Safra 2020/21			Estimativa – Safra 2021/22			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtivid. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtivid. (kg/ha)	Área	Produção	Produt.
Campos de Lages	634	1.285	2.027	897	2.148	2.395	41	67	18
Canoinhas	13.300	46.780	3.517	18.700	67.808	3.626	41	45	3
Chapecó	13.493	35.785	2.652	19.082	55.491	2.908	41	55	10
Concórdia	1.121	3.355	2.993	1.810	6.468	3.573	61	93	19
Curitibanos	9.040	29.212	3.231	13.620	57.174	4.198	51	96	30
Ituporanga	781	2.032	2.601	1.620	4.184	2.583	107	106	-1
Joaçaba	3.987	9.779	2.453	6.191	23.152	3.740	55	137	52
Rio do Sul	250	605	2.420	960	2.370	2.469	284	292	2
São Bento do Sul	700	2.310	3.300	1.070	3.798	3.550	53	64	8
São M. do Oeste	4.595	11.870	2.583	6.700	18.490	2.760	46	56	7
Xanxerê	10.531	29.065	2.760	17.575	48.975	2.787	67	69	1
Santa Catarina	58.432	172.079	2.945	88.225	290.058	3.288	51	69	12

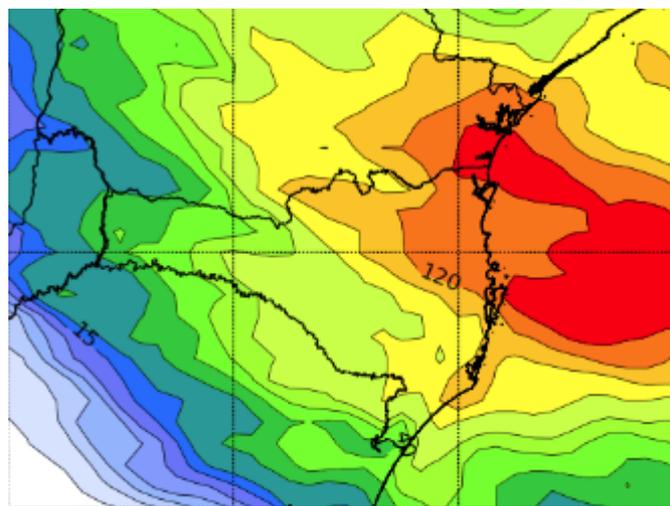
Fonte: Epagri/Cepa, julho/2021.

Previsão Climática

Segundo informações da Epagri/Ciram, para Santa Catarina, entre os dias 08 d 12 de junho, há o predomínio da massa de ar seco ocasiona dias de sol em SC. Entre os dias 15 e 17/07 volta a ocorrer chuva em todas as regiões, com elevados acumulados (veja chuva acumulada), devido à passagem de duas frentes frias e influência de uma cavado (baixa pressão) em SC. A temperatura fica mais elevada até o dia 15/07, depois declina com a chegada de uma massa de ar frio.



Previsão chuva Acumulada 5 dias (mm) entre 08 e 12/07/2021 Previsão chuva Acumulada 5 dias (mm) entre 13 e 17/07/2021



Previsão de chuva Acumulada 5 dias (mm) entre 18 e 22/07/2021

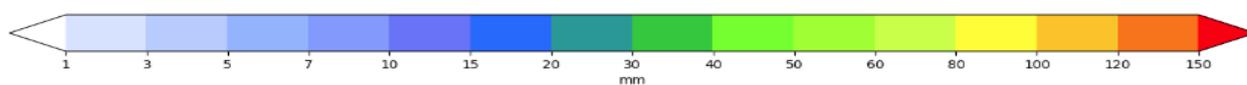


Figura 2. Clima SC – Previsão de precipitação – 08/07/2021 a 22/07/2021

Fonte: Epagri/Ciram, julho/2021.

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandiqugel@epagri.sc.gov.br

A produção catarinense de alho se caracteriza majoritariamente por ser realizada por agricultores familiares, em pequenas áreas de terra e uso intenso de mão-de-obra própria ou contratada. Sendo assim, a cultura adquire significativa importância socioeconômica para o estado em função de seu papel na participação das dinâmicas econômicas nos municípios produtores.

Segundo o IBGE (2017) são mais de 3.600 estabelecimentos que produzem a hortaliça em Santa Catarina, com média de aproximadamente 0,5 ha de área cultivada. Percebe-se, dessa forma, a importância do papel do Estado e das organizações da cadeia produtiva, enquanto agentes articuladores de políticas públicas, para que a cultura continue tendo relativa importância na produção nacional e, especialmente na geração de trabalho e renda nas unidades de produção da agricultura familiar. É relevante considerar estas questões para nosso estado, visto que há forte expansão da produção de alho nos estados do centro do país como Minas Gerais e Goiás.

Nesse sentido a estratégia da Associação Nacional dos Produtores de Alho – Anapa, de implantar um projeto de apoio, expansão e desenvolvimento do alho brasileiro vem em boa e necessária hora para os produtores catarinenses. O projeto envolverá, no caso de Santa Catarina, a Associação Catarinense de Produtores de Alho – Acapa, quadros técnicos da Anapa, bem como de instituições de pesquisa e extensão rural como: Embrapa, Epagri, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de Viçosa (UFV), Universidade Estadual Paulista (Unesp) e a Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Dessa forma, ações da cadeia produtiva do alho no estado, em articulação com o projeto da Anapa envolvendo a câmara setorial, dentre outros parceiros, podem ser decisivos para que a cultura atinja patamares de maior desempenho econômico e produtivo em Santa Catarina.

Preço

No mercado atacadista da Ceagesp, unidade do governo federal localizada no município de São Paulo, maior central de abastecimento do Brasil, o alho roxo nobre nacional, classe 5, foi comercializado na primeira semana de junho a R\$16,77/kg, redução de 5,15% em relação ao início do mês de maio e fechando o mês a R\$17,28/kg, redução de 9,89% no mês. No mesmo período, o alho classe 6 passou de R\$19,39/kg para R\$17,51/Kg, representando redução de 9,69%, e o alho classe 7 fechou junho ao valor de R\$19,54/kg, redução de 8,26% no mês.

Na primeira semana de julho os preços no atacado, para todas as classes do alho roxo nacional, tiveram redução em relação ao final do mês de junho, com variação de 6,87% para o alho classe 5, de 4,26% para o alho classe 6 e de 8,44% para o alho classe 7.

O alho argentino fechou o mês de junho com preços de R\$16,47/kg, R\$17,47/kg e R\$18,47/kg para as classes 5, 6 e 7, representando redução de 0,24%, 0,34% e 0,32% respectivamente em relação ao final do mês de maio.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, em junho o alho nobre nacional se manteve com preços estáveis durante todo o mês, sendo o alho das classes 4 e 5 iniciou e fechou o mês a R\$15,00/kg, enquanto o alho das classes 6 e 7 permaneceu em R\$17,50/kg, mesmos preços ocorridos no mês de maio.

Produção

No último mês as expectativas se voltaram para as estimativas iniciais de produção para a nova safra 2021/22 em Santa Catarina, cujo levantamento de campo foi realizado pela Epagri/Cepa no mês de maio. No dia 21/06/21 foi realizado evento oficial de lançamento das estimativas iniciais das safras de inverno para Santa Catarina e, dentre estas, para a produção de alho. O evento contou com a participação do Secretário de Estado da Agricultura, Pesca e do Desenvolvimento Rural, Altair Silva, autoridades e lideranças do setor em Santa Catarina. No estado serão plantados 1.716 ha, um aumento de 1,72% em relação à safra passada, quando foram plantados 1.687 ha. Em relação à produtividade, a estimativa é de que, em condições normais de clima, o estado deverá alcançar produtividade média de 10.183 kg/ha, aumento de 17,7% em relação à safra 20/21. Em relação ao calendário de implantação e desenvolvimento da cultura em Santa Catarina, de acordo com o acompanhamento de safras da Epagri/Cepa, a nova safra já foi plantada em aproximadamente 45% da área e o estado sanitário das lavouras é considerado bom a muito bom.

Alguns aspectos e preocupações dos produtores de alho dizem respeito à elevação do custo de produção para esta safra que gira entorno de 13 a 15% em relação à safra passada e à recuperação dos mananciais e reservatórios de água para irrigação, visto que nosso estado foi afetado por prolongada estiagem que ainda não permitiu a recuperação de níveis satisfatórios deste insumo nas regiões produtoras.

Comércio exterior

Em junho de 2021 foram importadas 16,15 mil toneladas da hortaliça, o segundo maior volume para o mês de junho dos últimos cinco anos. Nos primeiros seis meses desse ano, as importações somam 88,58 mil toneladas, enquanto que no mesmo período do ano de 2020 o volume importado foi de 102,05 mil toneladas, redução de 13,2% em relação ao mesmo período do ano passado, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1. Alho – Brasil: importações de jan./2017 a jun./2021 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	164,81
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	11,21	7,78	11,16	9,20	19,19	165,43
2020	20,43	15,07	16,36	14,57	16,69	18,93	23,33	15,90	12,01	9,39	16,15	14,63	193,51
2021	11,76	14,58	13,76	14,62	17,71	16,15	-	-	-	-	-	-	88,58

Fonte: Comexstat/ME: julho/2021.

O preço médio (FOB) do alho importado em junho teve redução de 3,00% em relação ao mês de maio, passando de US\$1,33/kg para US\$1,29/kg e mantendo a tendência de preços iniciada em março, conforme exposto na Figura 1.

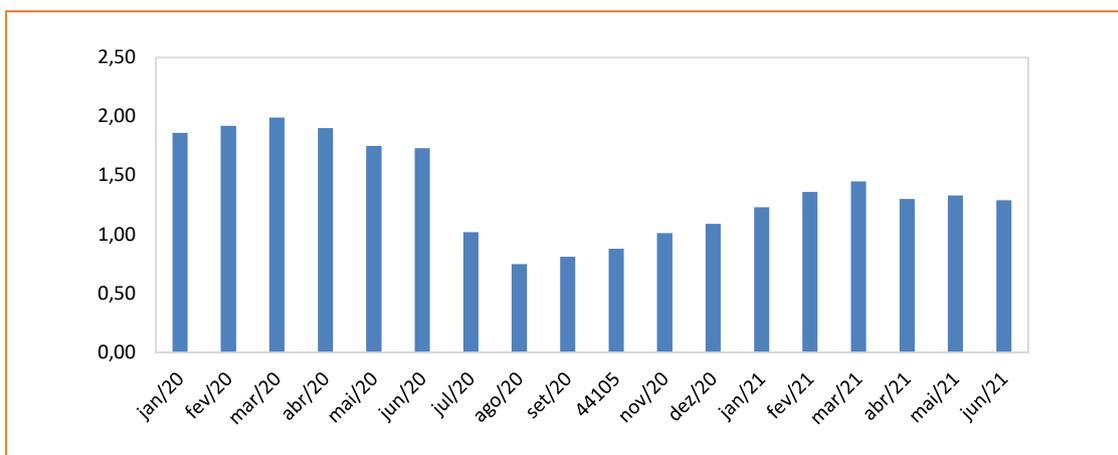


Figura 1. Alho – Brasil: evolução do preço médio (FOB) de importação – jan./2020 a jun./2021 – (US\$/kg)

Fonte: ComexStat/ME: jul./2021.

Na Figura 2 apresentamos a evolução da quantidade de alho internalizada e o desembolso mensal pelo Brasil, no período de janeiro de 2020 a junho de 2021. O desembolso com a importação da hortaliça no mês de junho/21 foi de US\$20,88 milhões (FOB), aumento de 11,22% em relação a maio, com volume importado de 16,15 mil toneladas, redução de 8,80% no mesmo período.

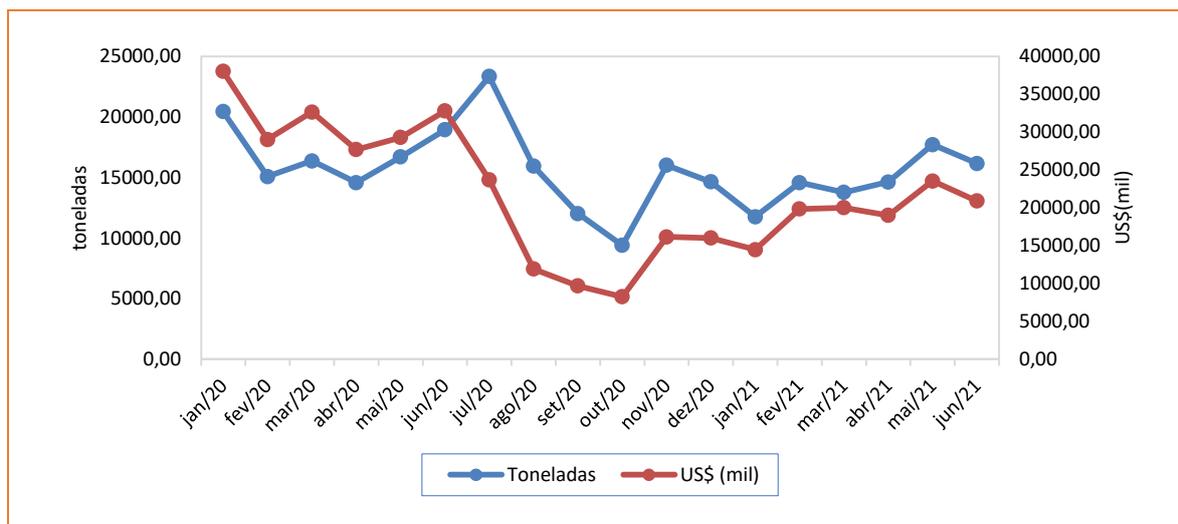


Figura 2. Alho – Brasil: volume (t) e valores (mil US\$) da importação de jan./2020 a jun./2021

Fonte: ComexStat/ME: jul./2021.

Os principais fornecedores de alho para o Brasil no mês de junho/21 foram a Argentina, que participou com 7,84 mil toneladas, representando 48,6% do total importado, a China, com 7,56 mil toneladas, 46,67% do total, a Espanha, com 0,62 mil toneladas, 3,9% do total e outros países com 0,13 mil toneladas significando apenas 0,83% do total, como indica Figura 3.

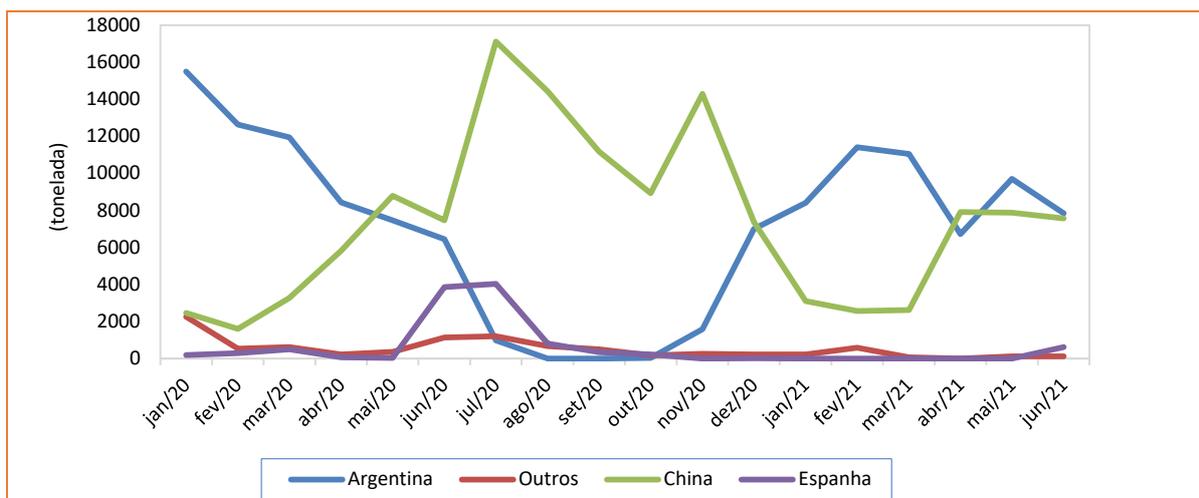


Figura 3. Alho – Brasil: participação dos principais países fornecedores de jan./2020 a jun./2021 – (t)

Fonte: Comexstat/ME, julho/2021.

Para finalizar, registramos o lançamento do projeto de estruturação da indicação geográfica do alho roxo da região do Planalto Catarinense, ocorrido no dia 21/06/21, evento estratégico para a produção do alho catarinense. O projeto é uma parceria que envolve o Sebrae/SC, as Prefeituras municipais de Curitiba, Brunópolis, Frei Rogério, Fraiburgo, Lebon Régis, e Monte Carlo, Epagri, UFSC, Cooperativa Copar de Frei Rogério, Associação Catarinense de Produtores de Alho – Acapa e a Câmara Setorial do Alho do Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural. A IG indica as qualidades ou reputações específicas que diferenciam um produto, considerando os recursos naturais como solo, clima, vegetação e os aspectos culturais humanos e técnicos da região.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandigugel@epagri.sc.gov.br

A safra de cebola 20/21, apesar das adversidades climáticas, possibilitou aos produtores catarinenses bons resultados. Nesse período as atenções da cadeia produtiva se voltam para a implantação da safra 21/22, já em execução. Para oficializar os dados da nova safra foi realizado no dia 21/06/21, coordenado pela Epagri/Cepa, o lançamento das estimativas iniciais de produção das safras de inverno para o estado de Santa Catarina e, dentre elas a da cebola. Participaram do evento, dentre diversas autoridades, o Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural, Altair Silva, bem como lideranças do agro no estado e técnicos da área. Segundo levantamento de campo da Epagri/Cepa, o estado permanecerá na posição de maior produtor nacional da hortaliça com mais de 25% da produção nacional. Nesse sentido, as políticas públicas como o crédito rural, a assistência técnica, o seguro rural e o Proagro, e demais serviços prestados aos produtores catarinenses são estratégicos para manter e melhorar a competitividade da hortaliça catarinense no mercado nacional.

Preços e Mercado

A oferta da hortaliça no mercado nacional se ampliou após o encerramento da produção sulista, com a entrada no mercado da produção paulista, do Nordeste e do Cerrado. Dessa forma os preços refletiram a oferta maior com redução de preços em geral. Segundo a revista HF Brasil, no mês de junho os preços da hortaliça no mercado nacional se mantiveram praticamente estáveis, com pequenas oscilações de aumento em alguns períodos como no início do mês na região Nordeste, com preço ao produtor de R\$0,86/kg e Vale do São Francisco (MG) a R\$1,20/kg da cebola caixa 3, beneficiada.

De maneira geral o mercado se manteve lento no mês junho em função do significativo volume de cebola disponível, seja pela produção paulista, da região Nordeste e pela entrada mais forte da produção do Cerrado.

Na Ceagesp/SP, o mês de junho iniciou com preço da cebola a R\$1,93/kg, valor que representa redução de 30,07% em relação aos preços praticados no início de maio. O mês de junho consolidou o aumento do volume de oferta da hortaliça nacional superando o período de menor disponibilidade provocada pela redução da produção das safras do Sul.

O mês de julho iniciou com mais redução de preços no atacado paulista para a cebola média nacional atingindo no dia 12/07 o valor de R\$1,63/kg, representando redução de 16,49% em relação ao final do mês de junho.

Na Ceasa/SC (Unidade de São José), o mês de junho iniciou com preço de atacado para a cebola nacional a R\$2,00/kg, redução de 27,27% em relação ao início do mês de maio. Porém, a partir da segunda quinzena do mês, com a maior oferta da produção nacional houve gradativa redução de preços, fechando a cotação no dia 12/07 a R\$1,50/kg, redução de 25% em relação ao início do mês. No mesmo período a cebola importada da Argentina permaneceu com preço estável e foi comercializada a R\$2,25/kg.

Safra catarinense

A safra catarinense de cebola 20/21 teve sua comercialização encerrada com resultados satisfatórios para a maioria dos produtores catarinenses, mantendo ambiente favorável para a tomada de decisão em relação à nova safra. Nesse sentido, o lançamento oficial das estimativas da safra das culturas de inverno 21/22 para Santa Catarina, dentre elas, a cebola, apontam no sentido de que o estado continuará sendo o maior produtor nacional da hortaliça. O plantio estimado é de 17.553 ha, com aumento de área de 0,69%

comparado à safra passada. Com relação à produção total, os dados apontam para um volume de 494,74 mil toneladas, crescimento de 26,87%, visto que a última safra foi afetada por problemas climáticos como estiagem, granizo e vendavais.

Com relação ao andamento da safra 21/22 em Santa Catarina, de acordo com o acompanhamento sistemático da Epagri/Cepa, aproximadamente 7.000 ha da cultura já foram plantados, o que representa 40% da estimativa da área total a ser plantada. O estado de desenvolvimento vegetativo e fitossanitário da cultura em todas as regiões produtoras é considerado bom a muito bom.

Importação

De acordo com os dados do Siscomex/ME, em 2020, o Brasil importou 197,7 mil toneladas de cebola, volume 6,51% menor que no ano de 2019. Tradicionalmente o pico da entrada de cebola estrangeira no Brasil ocorre nos meses de março, abril, maio e junho. Porém nesse ano o mês de junho apresentou comportamento diferente, provocado pela maior oferta nacional e preços menores. Os volumes importados no primeiro semestre do ano somam 114,5 mil toneladas, redução de 38,13% em relação ao mesmo período do ano passado. Como pode ser visto, nesse semestre ocorreu uma redução significativa nas importações quando comparado aos primeiros semestres de 2019 e 2020, conforme a Tabela 1.

Tabela 1. Cebola – Brasil: importações de janeiro de 2018 a junho de 2021 (t)

Ano	Jan	Fev.	Mar	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set	Out	Nov.	Dez	Total
2018	417	6.549	22.546	37.380	34.323	14.422	162	115	115	230	491	1.136	117.886
2019	831	6.464	25.176	51.765	33.103	28.366	15.297	14.272	21.211	12.705	1.557	773	211.520
2020	58	218	13.860	48.370	74.214	48.347	7.788	1.364	555	2.045	293	640,51	197.756
2021	910,8	14.808	26.040	46.934	22.833	2.966,32	-	-	-	-	-	-	114.492,12

Fonte: ComexStat/ME, julho/2021.

O Brasil é um importante mercado para a comercialização de cebola de diversos países. Na Tabela 2, são apresentados os principais países fornecedores da hortaliça em 2020 e de janeiro a maio de 2021, com os respectivos volumes e valores totais (FOB). Destaca-se a Argentina, com 155,09 mil toneladas, perfazendo 78,43% do total importado em 2020. Em 2021, importamos dos vizinhos até maio, 97,76 mil toneladas, 85,38% do volume total. A seguir vem o Chile, com 23,14 mil toneladas, 11,70% do total em 2020 e 7,13 mil toneladas em 2021, 6,22% do total. Os Países Baixos com 14,3 mil toneladas em 2020, perfazendo 7,23% do total importado e em 2021, o volume chegou a 8,65 mil toneladas ou 7,55% do volume importado nesse ano. O preço médio (FOB) em 2020 foi de US\$0,21/kg e em 2021 o preço médio (FOB) está em US\$0,18/kg, redução de 14,28% em relação à média do ano passado.

Tabela 2. Cebola – Brasil: principais países fornecedores em 2020 e 2021 (janeiro a junho)

Países	2020		2021	
	(mil US\$) FOB	Volume (t)	(mil US\$)	Volume (t)
Argentina	26.244,2	155.098,9	19.067,32	97.766,92
Chile	8.782,1	23.142,5	2.879,44	7.132,62
Países Baixos	4.976,5	14.301,9	3.161,48	8.651,10
Espanha	2.080,8	4.751,5	286,27	585,53
Nova Zelândia	118,2	234,0	58,3	104
Uruguai	0,00	0,00	84,93	253,2
Peru	49,5	122,0	0,00	0,00
Reino Unido	29,6	78,0	0,00	0,00
Bélgica	11,0	28,0	0,00	0,00
Total	42.291,9	197.756,7	25.537,75	114.492,12

Fonte: ComexStat/ME, julho/2021.

Em junho foram importadas 2,9 mil toneladas de cebola, redução de 87,28% em relação a maio, quando foram importadas 22,83 mil toneladas. A redução para o mês é significativa, sendo o menor volume para o mês de junho dos últimos três anos. O desembolso total (FOB) foi de US\$0,54 milhões, com custo médio de US\$0,18/kg, como apresentado na Figura 1.

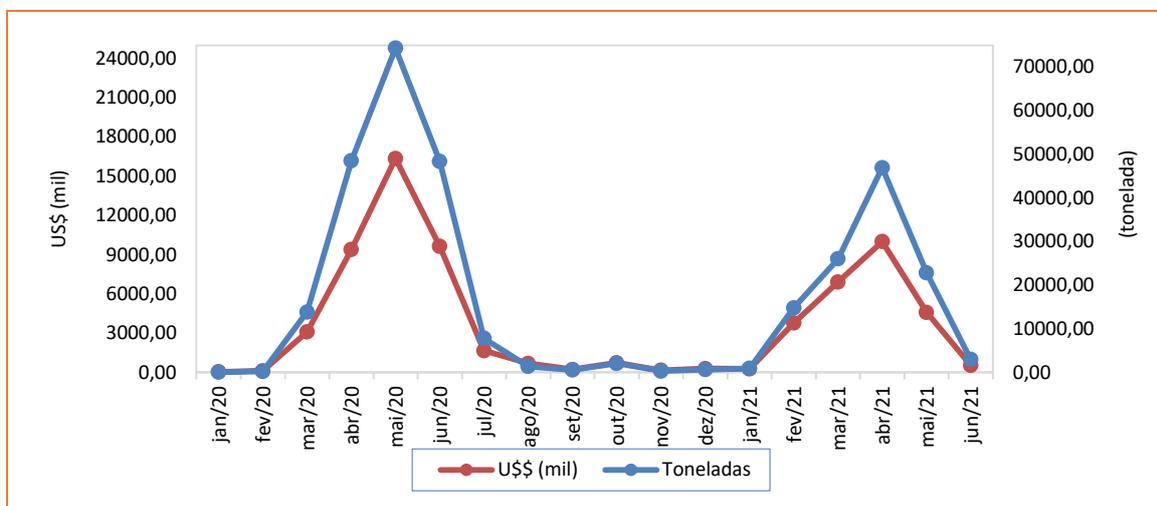


Figura 1. Cebola – Brasil: importação mensal de jan./2020 a jun./2021

Fonte: ComexStat/ME, julho/2021.

Os países fornecedores da hortaliça ao Brasil no mês de junho foram a Argentina, com 2,75 mil toneladas, volume que representa 92,9% do total, e o Chile, com 0,21 mil toneladas, 7,10% do total, conforme identificado na Figura 2.

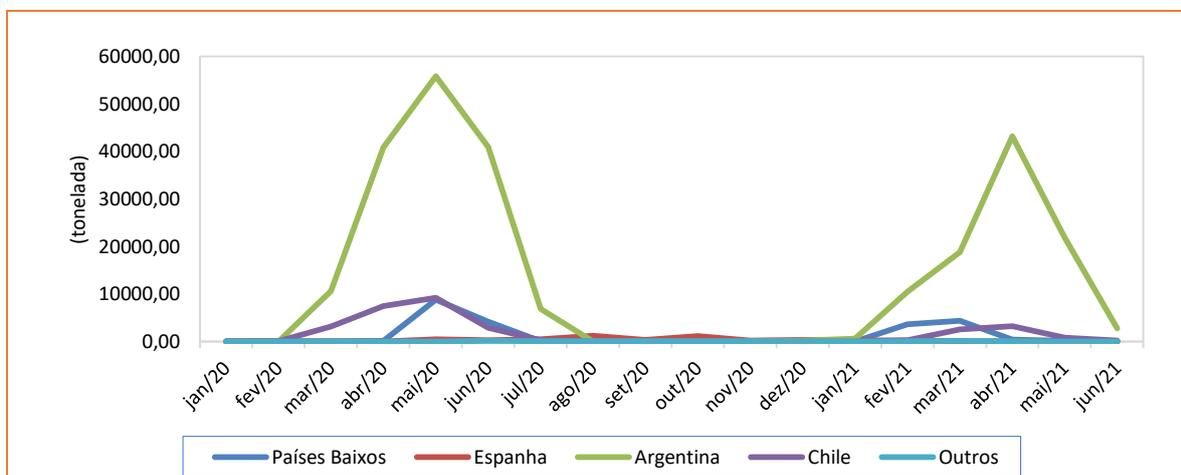


Figura 2. Cebola – Brasil: volume importado dos principais países fornecedores – jan./2020 – jun./2021

Fonte: ComexStat/ME, julho/2021.

Conforme mencionado, a Epagri/Cepa após concluir o levantamento de campo sobre a estimativa inicial de produção de cebola safra 21/22, realizou no dia 21/06/21, o evento oficial de lançamento da estimativa de produção para a cultura em Santa Catarina, cujas perspectivas são positivas até o momento em função das condições climáticas presentes e das tecnologias usadas pelos agricultores catarinenses, seja no manejo da cultura, da adubação e do solo, ou pelo uso de materiais genéticos adequados às condições edafoclimáticas e da irrigação. O desafio para muitos produtores é administrar a elevação média de aproximadamente 15% no custo de produção para a nova safra e, dentre outros, os riscos inerentes à atividade agrícola, como os climáticos em geral.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
 Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Os preços do frango vivo apresentaram altas nos três estados acompanhados, na comparação entre os preços preliminares de julho e o mês anterior: 3,1% em São Paulo, 2,7% no Paraná e 2,1% em Santa Catarina. Em relação a julho de 2020, as variações também são positivas: 61,6% em São Paulo, 48,4% no Paraná e 31,2% em Santa Catarina.

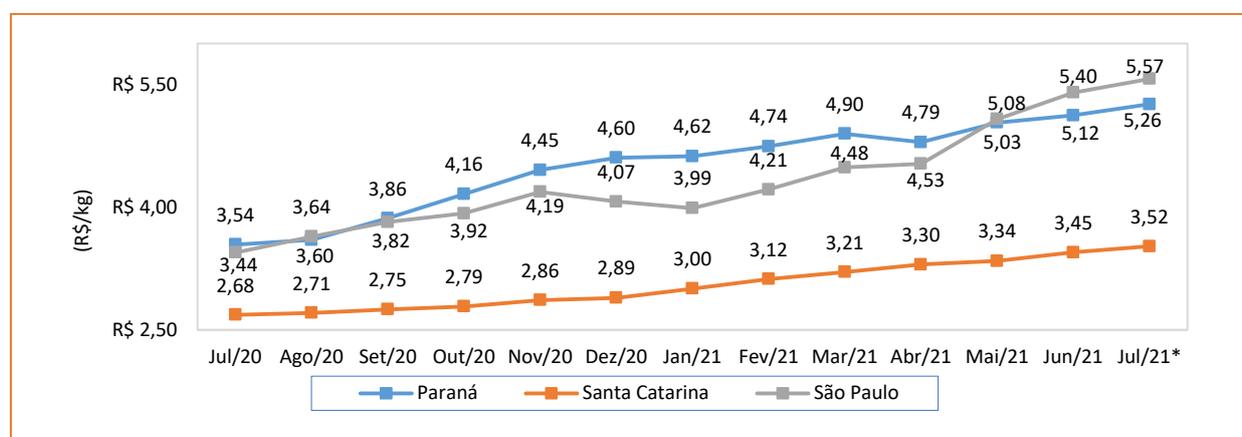


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina, Paraná e São Paulo: preço médio mensal aos avicultores (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Os valores de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 16/jul./2021.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); SEAB (PR); IEA (SP).

Em Santa Catarina, observaram-se variações de 3,0% e 2,7% nos preços preliminares de julho em relação ao mês anterior nas praças de Chapecó e Sul Catarinense, respectivamente. Em Joaçaba, os preços mantiveram-se inalterados.

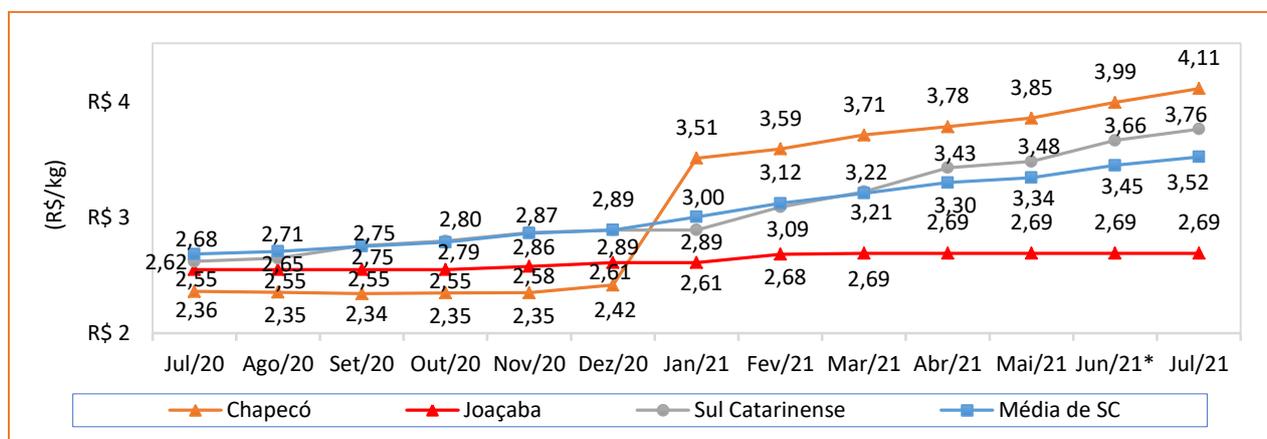


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ pago ao produtor nas principais praças do estado (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

* Os valores de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 16/jul./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Nas primeiras semanas de julho, ocorreram movimentos distintos nos preços de atacado acompanhados pela Epagri/Cepa, de acordo com o tipo de corte. Quando comparados ao mês anterior, o peito com osso congelado e o filé de peito congelado apresentaram altas de 6,7% e 0,2%, respectivamente. Por outro lado, o frango inteiro congelado e a coxa/sobrecoxa congelada registraram variações de -1,0% e -1,1%, respectivamente. A variação média foi de 1,2%. A tendência geral de alta predomina desde março deste ano, embora tenha perdido força em julho.

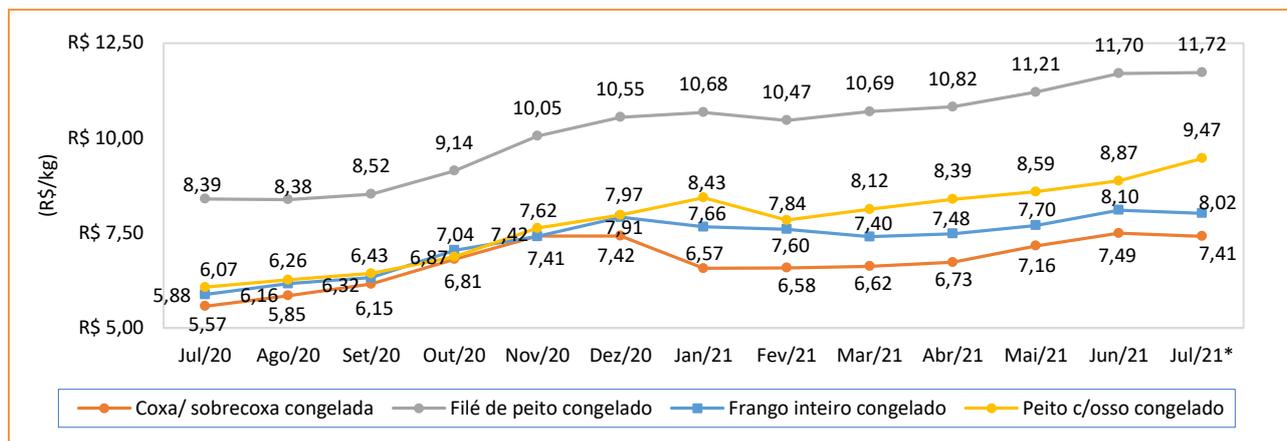


Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Os valores de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 16/jul./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quando se comparam os valores preliminares de julho com aqueles registrados no mesmo mês de 2020, verifica-se que todos os cortes apresentaram variações bastante expressivas: peito com osso (55,9%), filé de peito (39,7%), frango inteiro (36,4%) e coxa/sobrecoxa (33,0%). A variação média no período foi de 41,3%.

A competitividade elevada da carne de frango em relação às concorrentes carne bovina e carne suína, e o repasse parcial da alta dos custos de produção mantêm os preços firmes. Segundo manifestações das entidades representativas do setor, novos aumentos devem ocorrer nos próximos meses, já que os reajustes observados até o momento não foram suficientes para compensar a forte elevação dos custos. Além dos preços do milho e da soja, também contribuem de forma significativa para esse cenário os aumentos nos preços dos combustíveis e da energia elétrica, entre outros fatores.

Custos

Em junho, o Índice de Custos de Produção de Frangos (ICPFrango) registrou queda de 2,1% em relação ao mês anterior. Apesar disso, a alta acumulada nos últimos 12 meses foi de 52,3%, impulsionada principalmente pelo aumento dos custos com nutrição. A alta acumulada no ano é de 18,5%.

Depois de duas quedas consecutivas, a relação de equivalência insumo-produto voltou a apresentar alta nas primeiras semanas de julho. Até o momento, a variação em relação ao mês anterior é de 3,8%, principalmente em função da elevação de 6,9% no preço de atacado do milho, parcialmente compensada pela alta de 3,0% no preço do frango vivo na mesma praça. Na comparação com julho de 2020, o valor atual da relação de equivalência registra alta de 41,6%.

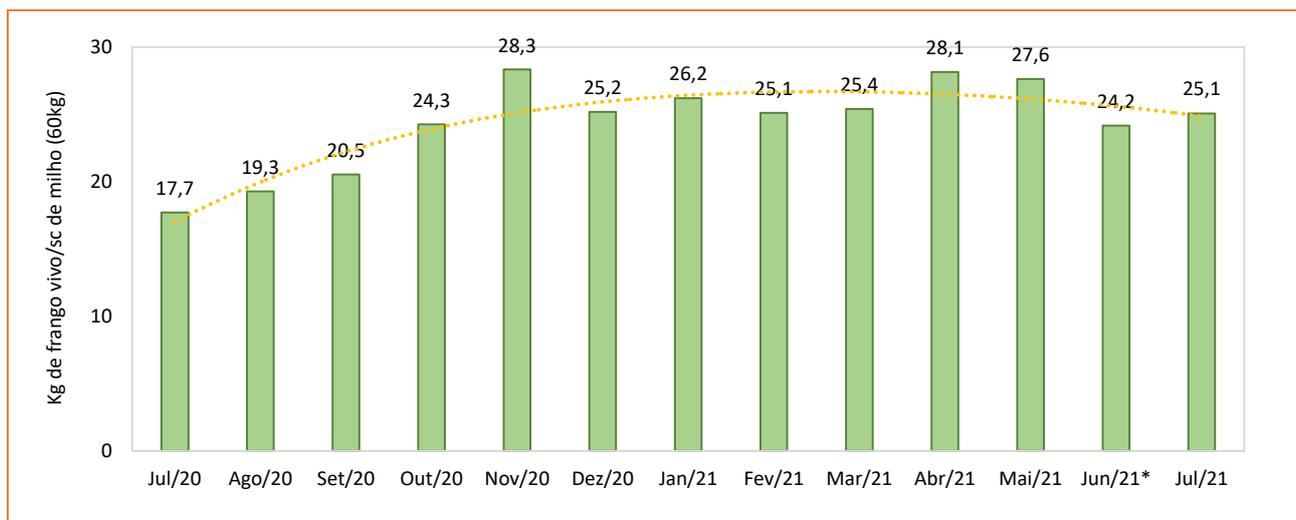


Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60kg) de milho
Para cálculo da relação de equivalência insumo-produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC.
* O valor de julho é preliminar, relativo ao período de 1 a 16/jul./2021.
Fonte: Epagri/Cepa.

Essa elevação na relação de equivalência insumo-produto significa que em julho de 2020 o avicultor precisava de 17,7kg de frango vivo para adquirir uma saca de 60kg de milho (levando em consideração o preço de atacado). Já em julho deste ano, são necessários quase 25,1kg de frango para adquirir o mesmo produto.

Comércio exterior

Em junho, o Brasil exportou **385,42 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada), queda de **4,2%** quando comparado ao mês anterior, mas alta de **16,1%** em relação a junho de 2020. As receitas foram de **US\$ 636,26 milhões**, **-1,0%** em relação a maio e alta de **45,8%** na comparação com junho do ano passado.

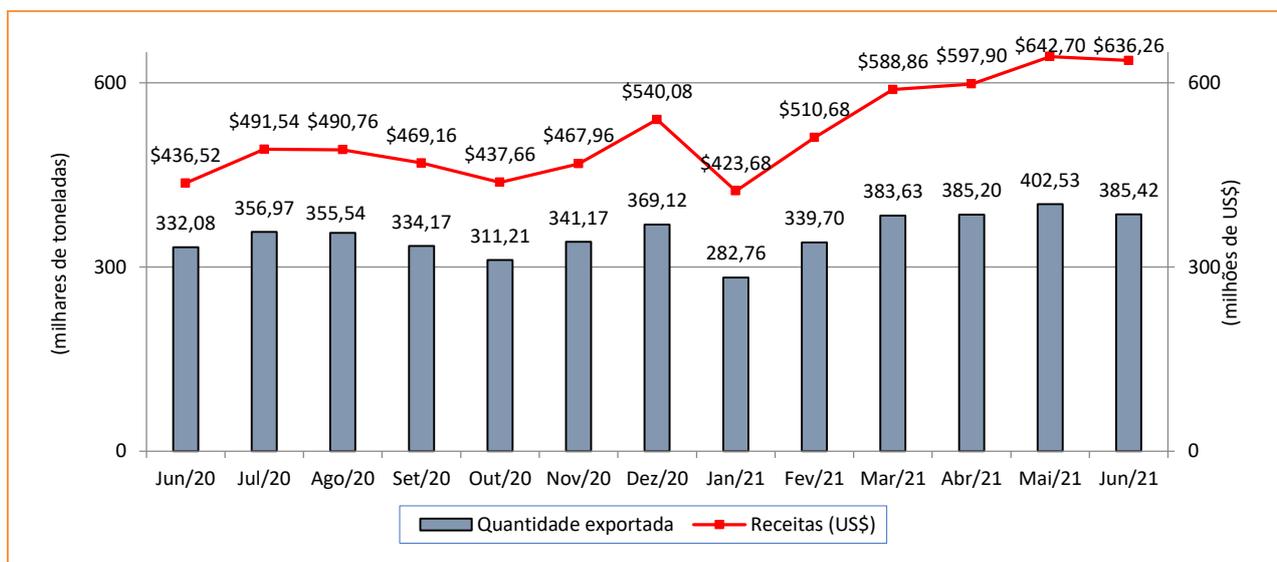


Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas
Fonte: Comex Stat.

No 1º semestre, o Brasil exportou **2,18 milhões de toneladas**, com receitas de **US\$3,40 bilhões**, alta de **6,0%** em quantidade e de **10,0%** em valor, na comparação com mesmo período do ano passado.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango no semestre passado foram China, Arábia Saudita, Japão, Emirados Árabes Unidos e Países Baixos, responsáveis por 50,5% das receitas.

Santa Catarina, por sua vez, exportou **92,63 mil toneladas** de carne de frango em junho (*in natura* e industrializada), aumento de **3,1%** em relação ao mês anterior e de **29,1%** na comparação com junho de 2020. As receitas foram de **US\$165,63 milhões**, alta de **5,7%** em relação ao mês anterior e de **68,6%** na comparação com junho de 2020. Os embarques de junho representam o melhor resultado mensal desde maio de 2020 em volume, e desde agosto de 2019 em receitas.

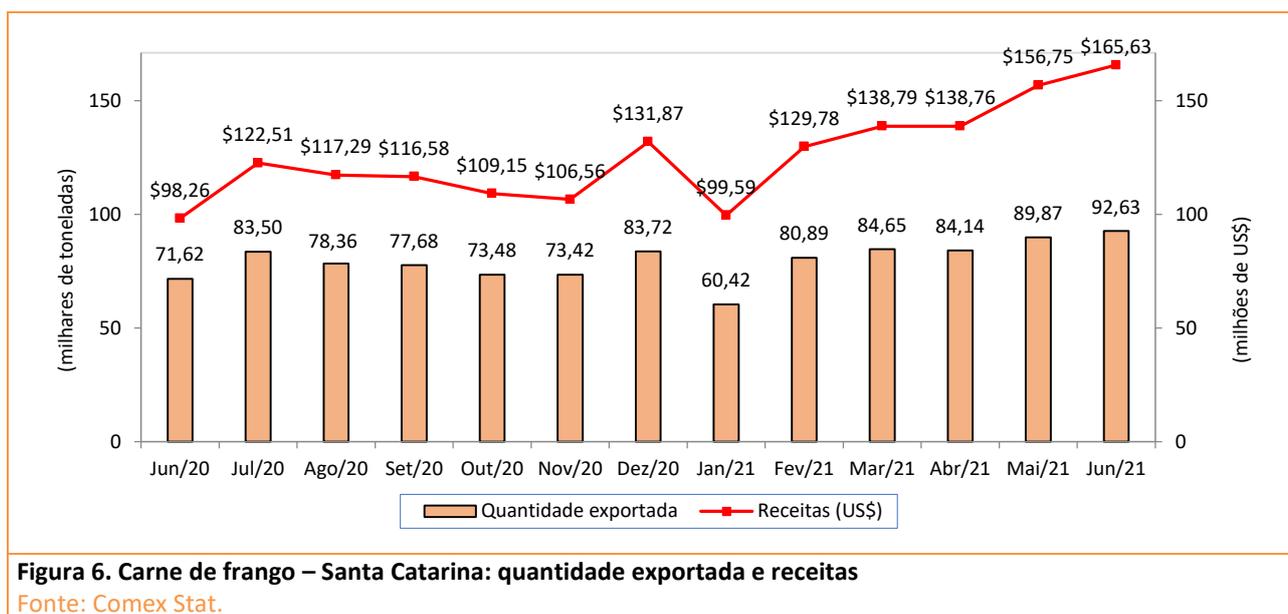


Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada pelo estado em junho foi de **US\$ 1.736/tonelada**, alta de **3,6%** em relação ao mês anterior e de **31,3%** na comparação com junho de 2020.

No 1º semestre, Santa Catarina exportou um total de **492,60 mil toneladas**, com receitas de **US\$829,31 milhões**, queda de **0,4%** em quantidade e alta de **4,5%** em valor em relação ao mesmo período do ano passado. O estado foi responsável por **24,4%** das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango no ano.

A Tabela 1 apresenta os cinco principais destinos do frango catarinense no 1º semestre, os quais responderam por 55,4% das receitas e 50,2% da quantidade exportada pelo estado.

Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 1º semestre de 2021

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	135.198.164,00	75.162
China	92.575.139,00	51.290
Arábia Saudita	82.734.601,00	45.191
Países Baixos (Holanda)	77.367.215,00	34.046
Emirados Árabes Unidos	71.631.854,00	41.751
Demais países	369.801.934,00	245.160
Total	829.308.907,00	492.600

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos, cinco registraram variação negativa nas receitas acumuladas do 1º semestre, quando comparadas ao mesmo período de 2020, com destaque para Japão (-1,3%) e China (-23,5%). Quanto aos resultados positivos, chamam atenção os embarques para a Arábia Saudita, que cresceram 36,7% em valor na comparação com o 1º semestre do ano passado.

Produção

De acordo com os dados da Cidasc, sistematizados pela Epagri/Cepa, no 1º semestre de 2021 foram produzidos em Santa Catarina e destinados ao abate um total de 425,43 milhões de frangos, alta de 1,2% ante o mesmo período do ano passado, mas queda de 0,6% em relação ao 2º semestre de 2020.

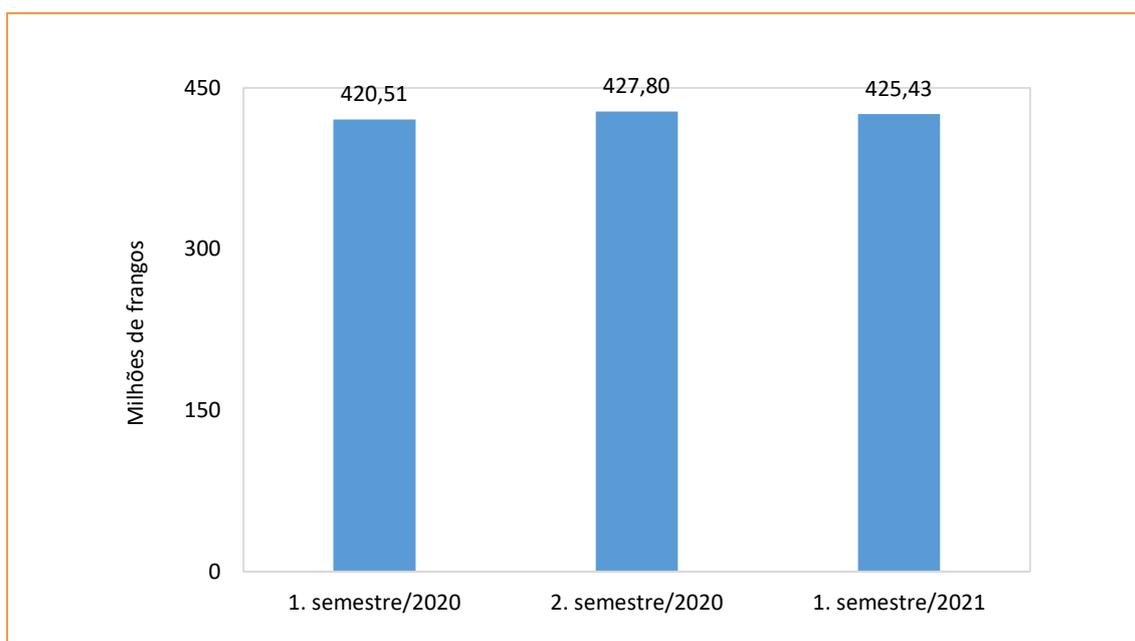


Figura 7. Frangos – Santa Catarina: produção semestral (2020-2021)

Fonte: Sigen+/Cidasc (2021).

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas primeiras semanas de julho predominou o movimento de alta nos preços do boi gordo na maioria dos estados acompanhados. Na comparação com o mês anterior, registram-se os seguintes índices de variação: 2,7% em Santa Catarina, 2,2% no Paraná, 2,0% no Rio Grande do Sul, 1,5% em Minas Gerais, 1,2% no Mato Grosso do Sul, 0,9% em Goiás, 2,3% e 0,1% em São Paulo. Somente o Mato Grosso registrou queda nesse período: -0,6%.

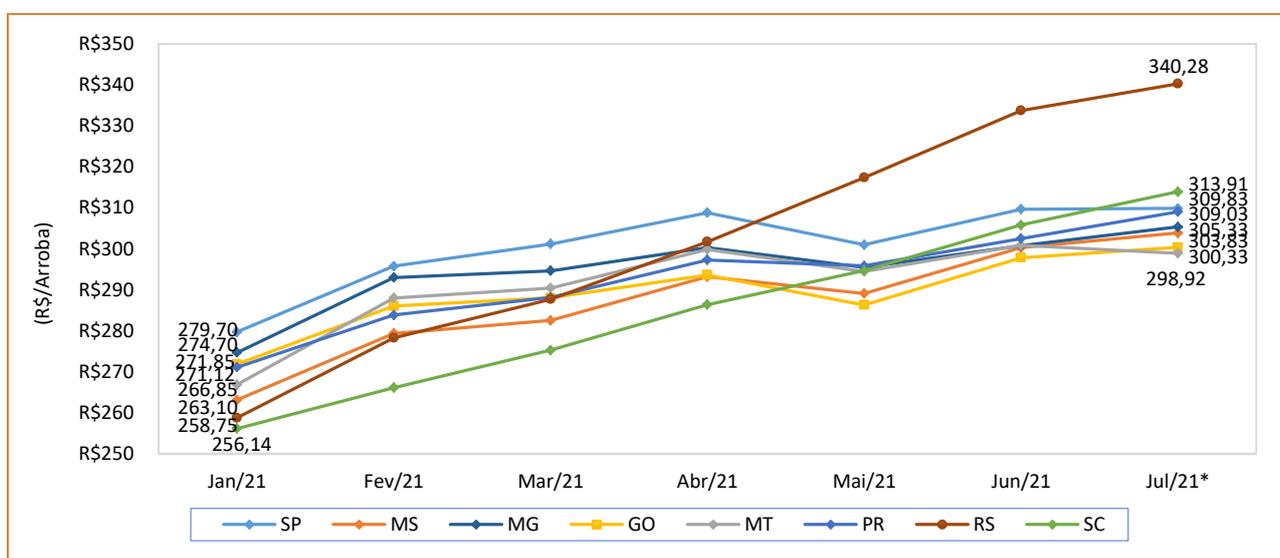


Figura 1. Boi gordo – SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾, MS⁽²⁾, PR⁽³⁾ e RS⁽⁴⁾: evolução dos preços da arroba (R\$/arroba)

* Os valores de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 16/jul./2021.

Fontes: ⁽¹⁾Epagri/Cepa; ⁽²⁾Cepea; ⁽³⁾SEAB; ⁽⁴⁾Nespro.

O principal fator responsável pela elevação das cotações do boi gordo é a baixa disponibilidade de animais prontos para abate, principalmente com o início da entressafra na região Centro Oeste, além da elevação dos custos de produção.

Na comparação com os preços praticados em julho de 2020, observam-se fortes altas em todos os estados: 56,0% em Santa Catarina, 55,3% no Mato Grosso, 50,6% no Rio Grande do Sul, 49,0% no Mato Grosso do Sul, 47,5% no Paraná, 46,9% em Goiás, 43,7% em São Paulo e 42,7% em Minas Gerais.

Em Santa Catarina, as duas praças de referência do boi gordo apresentaram altas na comparação entre os preços preliminares das primeiras semanas de julho e o mês anterior: 5,7% em Chapecó e 2,9% em Lages. Em relação a julho de 2020, as altas são ainda mais expressivas: 65,4% em Chapecó e 67,8% em Lages.

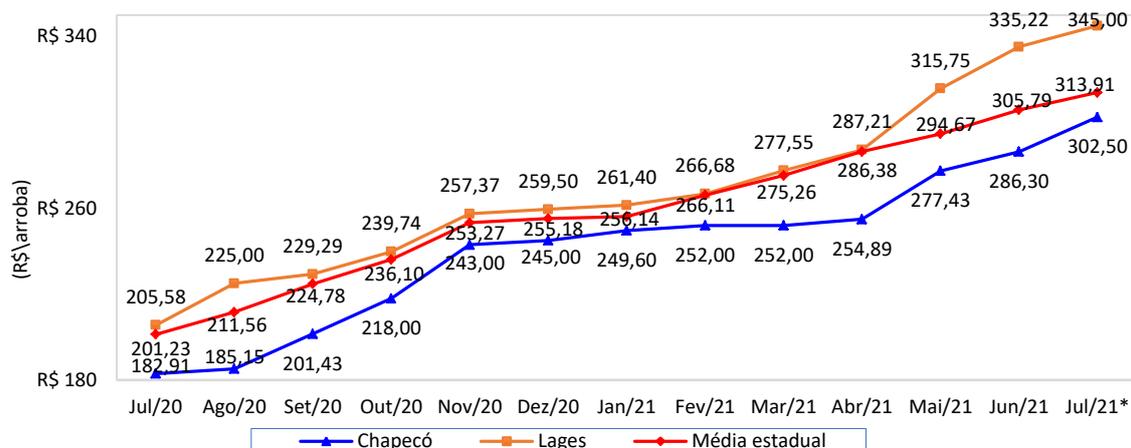


Figura 2. Boi gordo – Santa Catarina: preço médio mensal nas praças de referência e média estadual (R\$/arroba)

* Os valores de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 16/jul./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Mais uma vez, os preços de atacado da carne bovina mantiveram o movimento de alta que vem sendo observado desde meados do ano passado. Em relação a junho, os valores preliminares de julho apresentaram altas de 2,3% para a carne de dianteiro e de 1,4% para a carne de traseiro, com média de 1,9%. No ano, a alta média acumulada é de 19,5%.

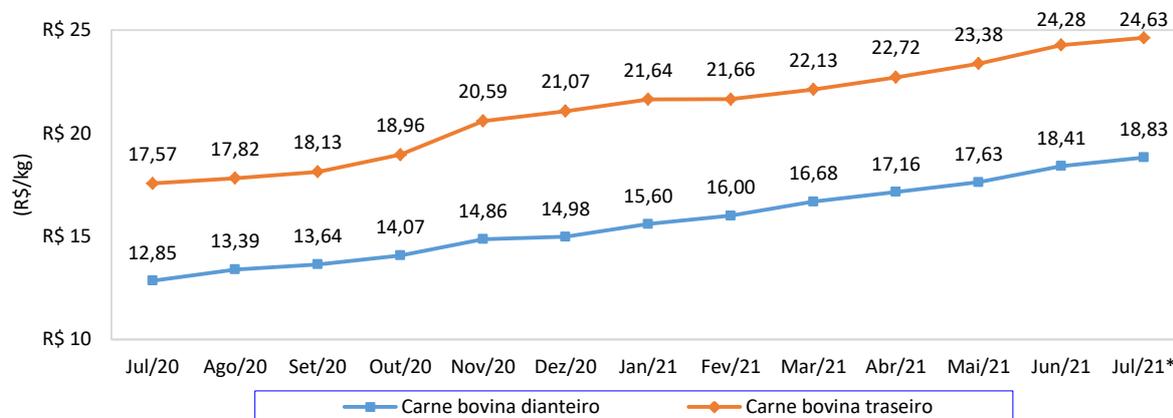


Figura 3. Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Os valores de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 16/jul./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quando se compara os valores atuais com aqueles praticados em julho de 2020, verificam-se altas de 53,5% para a carne de dianteiro e 42,0% para a carne de traseiro, média de 47,8%.

Custos

Nas primeiras semanas de julho, os preços dos animais de reposição para corte em Santa Catarina mantiveram a tendência de alta registrada desde meados do ano passado. Na comparação com junho, os aumentos são de 3,4% para os bezerros de até 1 ano e 3,9% para os novilhos de 1 a 2 anos. Na média das duas categorias, as altas acumuladas no ano são de 45,8%. Em relação a julho de 2020, as variações são ainda mais expressivas: 84,8% para os bezerros e 81,9% para os novilhos.

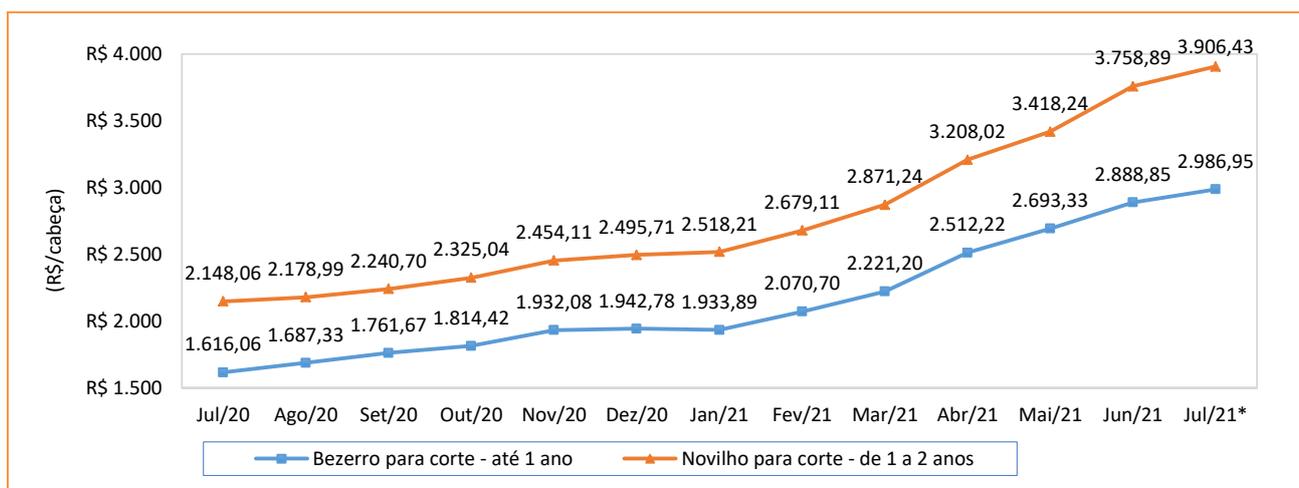


Figura 4. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R\$/cabeça)

* Os valores de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 16/jul./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em junho, o Brasil exportou **164,27 mil toneladas** de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), alta de **9,7%** na comparação com o mês anterior e queda de **6,7%** em relação a junho de 2020. As receitas foram de **US\$834,24 milhões**, crescimento de **15,2%** em relação ao mês anterior e de **12,7%** na comparação com junho de 2020.

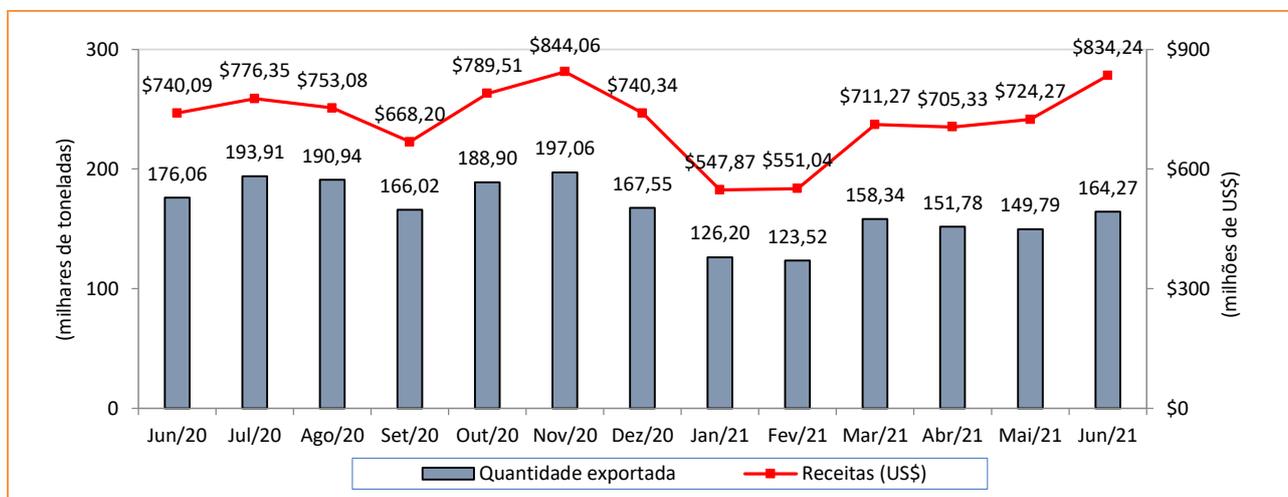


Figura 5. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada em junho foi de **US\$5.181/tonelada**, altas de **5,0%** em relação ao mês anterior e de **20,5%** na comparação com junho de 2020.

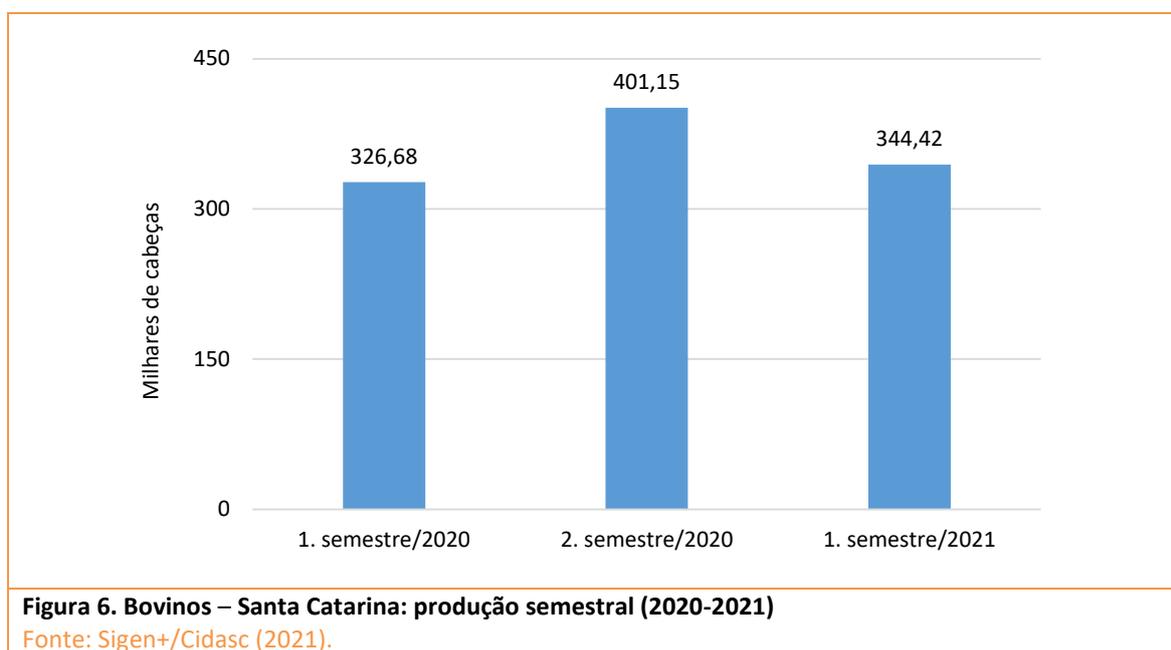
No 1º semestre, o Brasil exportou **873,90 mil toneladas** de carne bovina, com **US\$4,07 bilhões** em receitas, queda de **3,6%** no volume e alta de **4,3%** nas receitas em relação ao mesmo período de 2020. China e Hong Kong responderam por 59,1% das receitas brasileiras com as exportações desse produto no ano.

Dentre os dez principais destinos da carne bovina brasileira, três apresentaram variações negativas nas receitas acumuladas no ano, com destaque para Hong Kong (-19,0%). Por outro lado, dentre as altas destacam-se China (8,4%), Estados Unidos (120,5%), Chile (30,1%) e Filipinas (107,1%).

Santa Catarina exportou **343 toneladas** de carne bovina em junho, com faturamento de **US\$1,39 milhão**, altas de 41,9% e 42,8% em relação a maio, respectivamente. Na comparação com junho de 2020, registram-se crescimentos de 22,6% e 44,0%, respectivamente. No acumulado do ano, o estado exportou **1,68 mil toneladas**, com receitas de **US\$6,23 milhões**, altas de 3,4% e 25,6% em relação ao 1º semestre do ano passado.

Produção

De acordo com os dados da Cidasc, sistematizados pela Epagri/Cepa, no 1º semestre de 2021 foram abatidos 344,42 mil bovinos em estabelecimentos com inspeção sanitária em Santa Catarina, alta de 5,4% ante o mesmo período de 2020 e queda de 14,1% em relação ao 2º semestre do ano passado.



Suínocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Os preços médios das primeiras semanas de julho registram quedas na maioria dos estados analisados (Figura 1). A única exceção é Santa Catarina, onde se verifica leve alta. Apesar dos bons resultados das exportações e da chegada do inverno, período normalmente marcado pela elevação no consumo de carne suína, a demanda no mercado interno segue enfraquecida, reflexo das elevadas taxas de desemprego, queda de renda de parcela significativa da população e dos elevados preços das carnes.

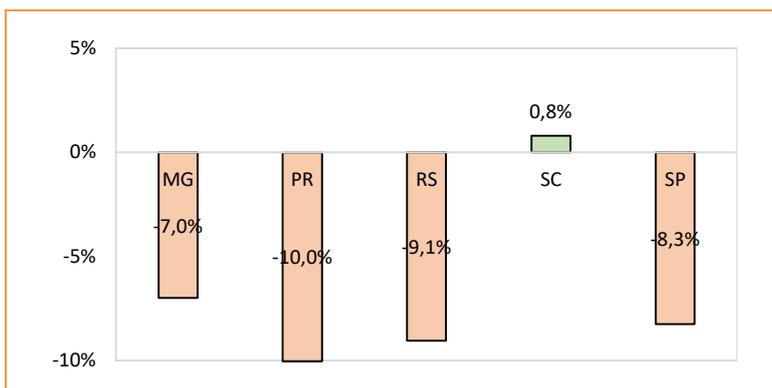


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (julho/julho de 2021*)

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

* Os valores de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 16/jul./2021.

Na comparação entre os preços atuais e aqueles praticados em julho de 2020, observam-se variações positivas em todos os estados analisados: 29,2% em Santa Catarina, 16,1% no Rio Grande do

Sul, 12,5% em São Paulo, 9,1% no Paraná e 3,7% em Minas Gerais.

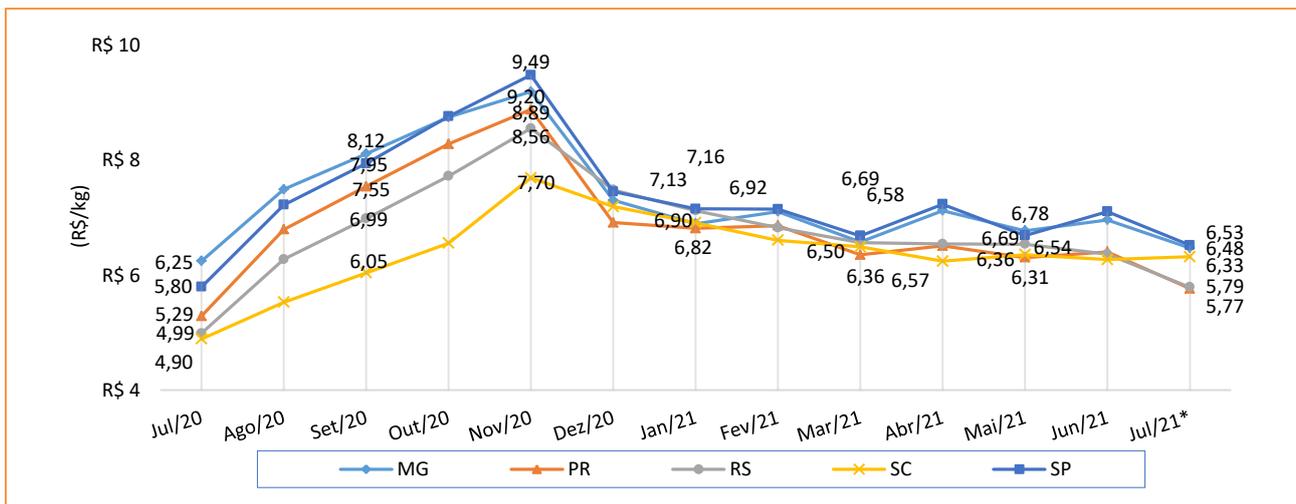


Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R\$/kg)

* Os valores de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 16/jul./2021.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Em Chapecó, praça de referência para o suíno vivo em Santa Catarina, os valores preliminares das primeiras semanas de julho apresentaram altas na comparação com o mês anterior: 1,3% para os produtores independentes e 1,4% para os integrados. Em relação a julho de 2020, as variações são positivas em ambos os casos: 41,2% para os independentes e 38,1% para os integrados.

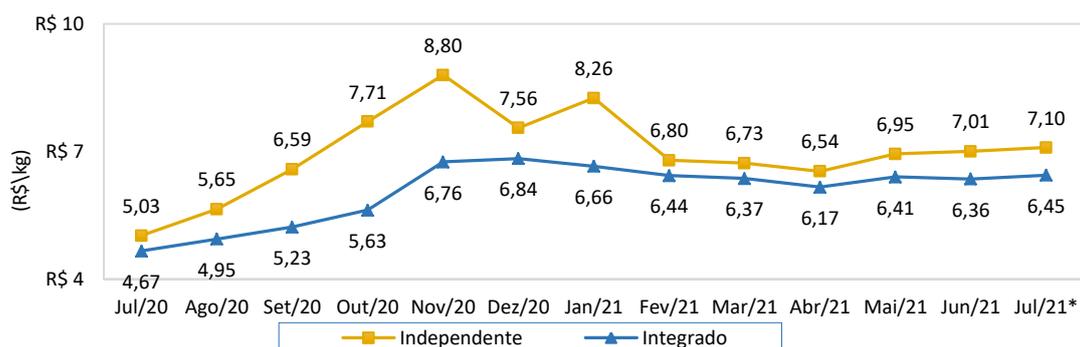


Figura 3. Suíno vivo – Chapecó/SC: preço médio mensal para produtor independente e produtor integrado

* Os valores de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 16/jul./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Nas primeiras semanas de julho, os preços de atacado da carne suína apresentaram tendência de queda. De acordo com o levantamento da Epagri/Cepa, todos os cinco cortes analisados registraram variação negativa: costela (-4,9%), carrê (-4,2%), carcaça (-3,7%), pernil (-2,2%) e lombo (-0,8%). A variação média foi de -3,2%. No ano, acumula-se queda de 10,8%.

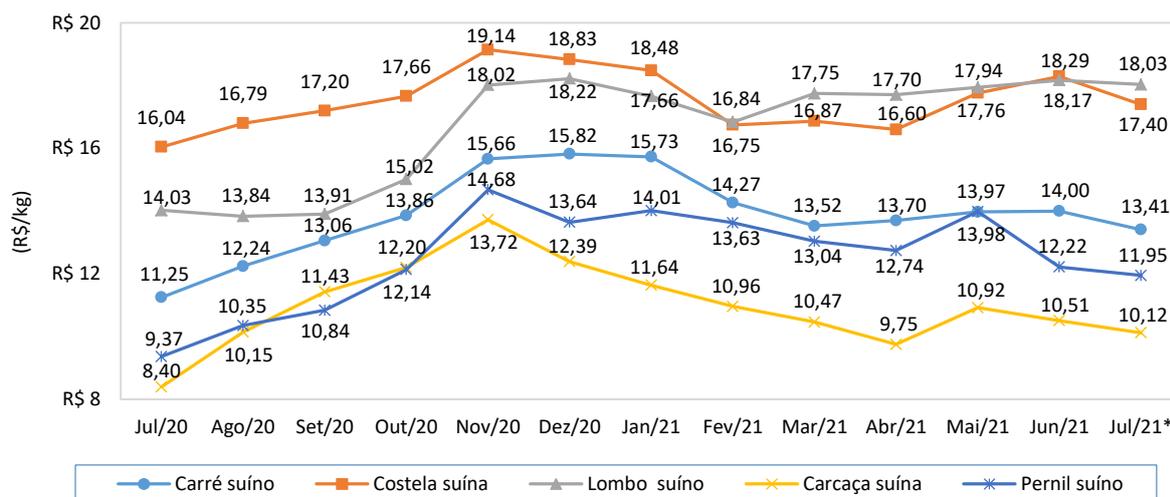


Figura 4. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual dos principais cortes suínos no atacado (R\$/kg)

* Os valores de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 16/jul./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Apesar do predomínio de quedas ao longo deste ano, quando se comparam os valores preliminares de julho e o mesmo mês de 2020, as variações ainda são positivas em todos os cortes: lombo (28,5%), pernil (27,6%), carcaça (20,5%), carrê (19,1%), e costela (8,4%). Em média, a alta foi de 20,8%.

Custos

De acordo com a Embrapa Suínos e Aves, em junho o custo de produção de suínos em ciclo completo em Santa Catarina foi de R\$6,82/kg de peso vivo, queda de 6,5% em relação ao mês anterior. Apesar do resultado de junho, a alta acumulada nos últimos doze meses foi de 47,5%, resultante principalmente da elevação dos custos com nutrição. A alimentação representou 81,9% dos custos de produção dos suínos em maio. A elevação acumulada no 1º semestre deste ano foi de 4,0%.

Os preços dos leitões mantêm-se estáveis nas primeiras semanas de julho, com pequenas oscilações positivas. Os leitões de 6 a 10kg registraram alta de 0,1% em relação ao mês anterior, enquanto o preço dos leitões de aproximadamente 22kg oscilou 0,3%. Na comparação com julho de 2020, registram-se variações expressivas nos dois casos: 38,5% para os leitões de 6 a 10kg e 37,0% para os leitões de aproximadamente 22kg.

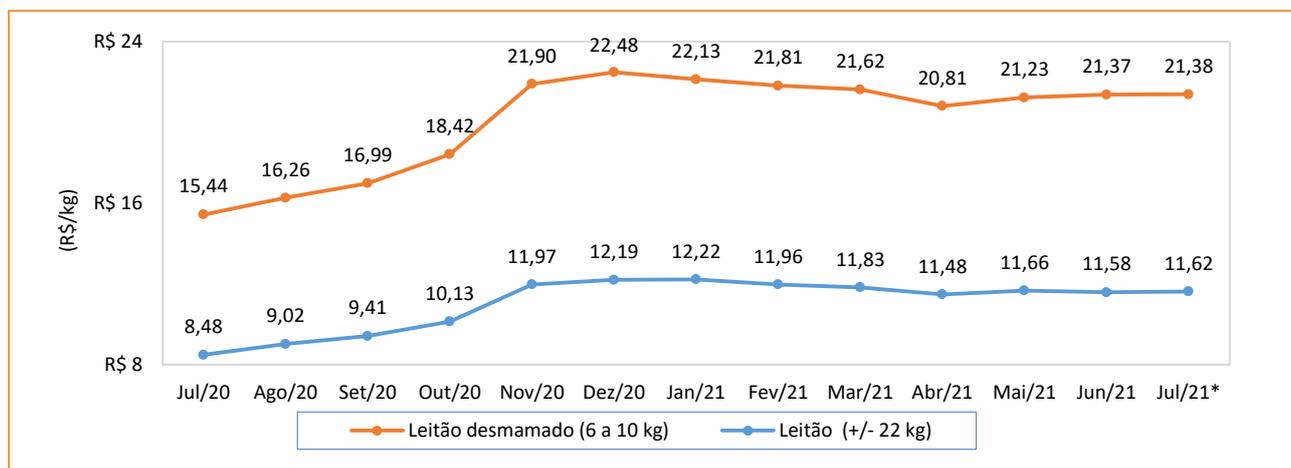


Figura 5. Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria (R\$/kg)

* Os valores de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 16/jul./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Depois de duas quedas consecutivas, a relação de equivalência insumo-produto apresenta alta de 5,5% nas primeiras semanas de julho em relação ao mês anterior, especialmente em função da alta no preço do milho (6,9%), parcialmente compensada pela elevação de 1,3% no preço do suíno vivo na praça de Chapecó. O valor atual está 44,6% acima daquele registrado em julho de 2020.

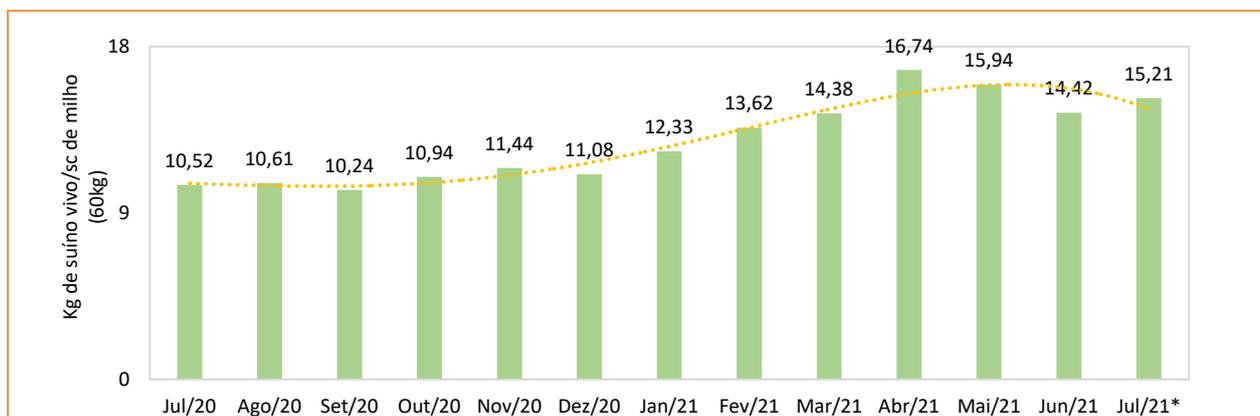


Figura 6. Suíno vivo - Chapecó/SC: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60kg de milho

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC.

* O valor de julho é preliminar, relativo ao período de 1 a 16/jul./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Essa elevação na relação de equivalência insumo-produto significa que em julho de 2020 o suinocultor precisava de 10,5kg de suíno vivo para adquirir uma saca de 60kg de milho (levando em consideração o preço de atacado). Já em julho deste ano, são necessários 15,2kg de suíno para adquirir o mesmo produto.

Comércio exterior

Em junho, o Brasil exportou **107,24 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), montante **6,7%** superior ao mês anterior e **12,9%** acima de junho de 2020. As receitas foram de **US\$268,31 milhões**, crescimento de **6,8%** em relação ao mês anterior e de **36,4%** na comparação com junho de 2020. Esse é o maior valor já exportado pelo país num único mês desde o início da série histórica, em 1997.

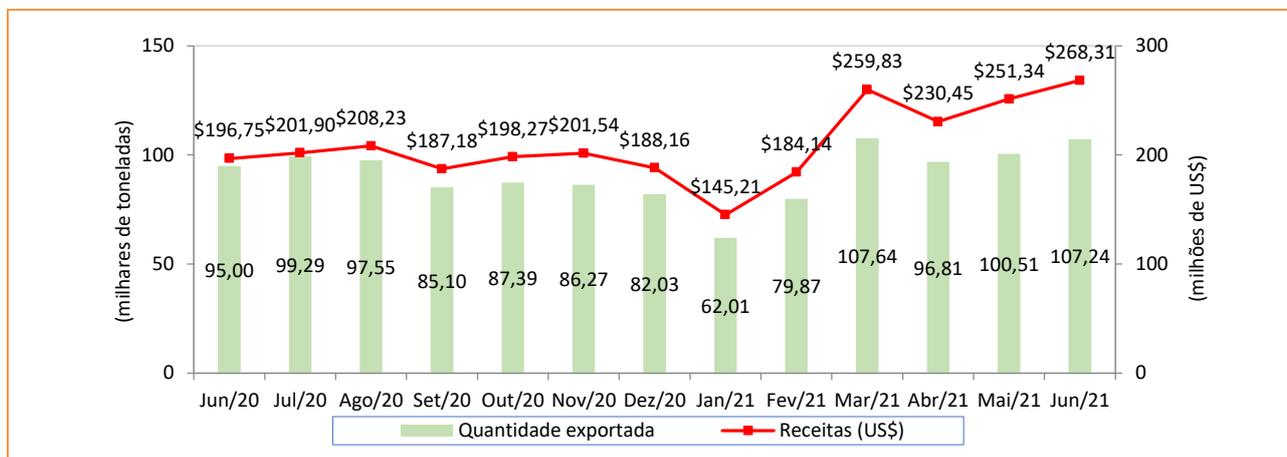


Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

No 1º semestre deste ano o Brasil exportou **554,08 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$1,34 bilhão**, altas de **17,3%** e **25,3%**, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2020.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne suína no 1º semestre foram China, Hong Kong, Chile, Singapura e Uruguai, responsáveis por 84,4% das receitas no período. China e Hong Kong respondem por 71,0% do total.

Santa Catarina, por sua vez, exportou **55,54 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos) em junho, **9,4%** mais que no mês anterior e **22,1%** acima de junho de 2020. As receitas foram de **US\$143,58 milhões**, alta de **8,9%** em relação ao mês anterior e de **52,6%** na comparação com junho de 2020.

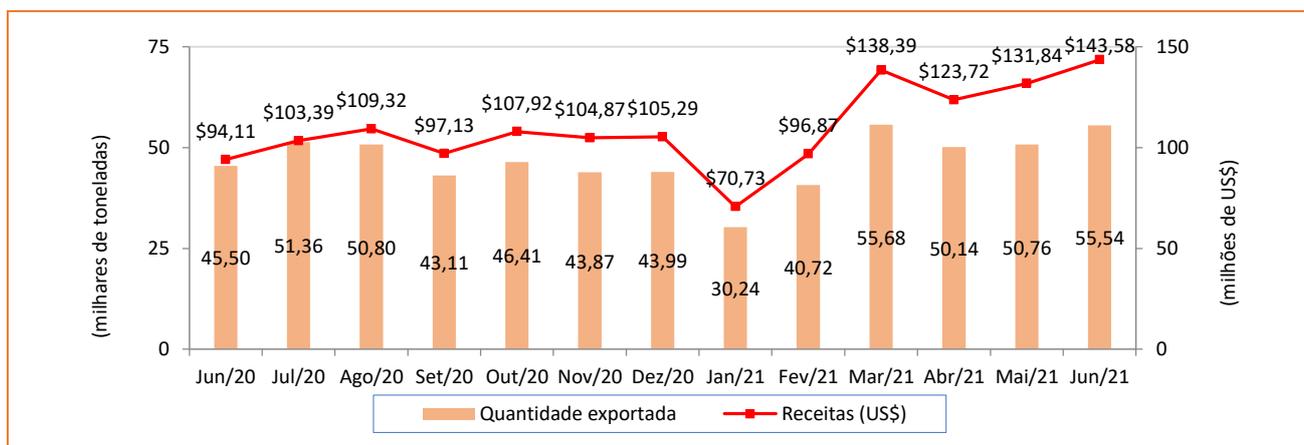


Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

Esse é o maior montante de receitas das exportações catarinenses de carne suína já registrado num único mês e o segundo maior volume mensal exportado desde o início da série histórica, em 1997, atrás apenas de março deste ano.

O valor médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em junho foi de **US\$ 2.674/tonelada**, alta de **0,3%** em relação ao mês anterior e de **25,8%** na comparação com junho de 2020.

No 1º semestre, o estado exportou **283,08 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$705,13 milhões**, altas de **16,1%** e **29,2%**, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2020. Santa Catarina respondeu por **52,7%** das receitas e **51,1%** do volume de carne suína exportada pelo Brasil.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses de carne suína, listados na Tabela 1, foram responsáveis por 88,5% das receitas do 1º semestre. China e Hong Kong responderam por 71,0%.

Tabela 1. Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 1º semestre de 2021

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	456.189.160,00	178.292
Chile	78.369.183,00	30.821
Hong Kong	44.802.175,00	21.237
Japão	24.092.198,00	5.822
Filipinas	20.569.830,00	10.946
Demais países	81.107.714,00	35.962
Total	705.130.260,00	283.080

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos da carne suína catarinense, seis apresentaram variações positivas nas receitas do 1º semestre em relação ao mesmo período de 2020, com destaque para China (38,3%), Chile (106,9%), Filipinas (528,4%) e Argentina (57,1%). A variação negativa mais relevante foi observada nos embarques para Hong Kong (-21,3%).

Produção

De acordo com os dados da Cidasc, sistematizados pela Epagri/Cepa, no 1º semestre de 2021 foram produzidos em Santa Catarina e destinados ao abate um total de 7,82 milhões de suínos, alta de 9,7% ante o mesmo período do ano passado e 3,9% superior ao 2º semestre de 2020.

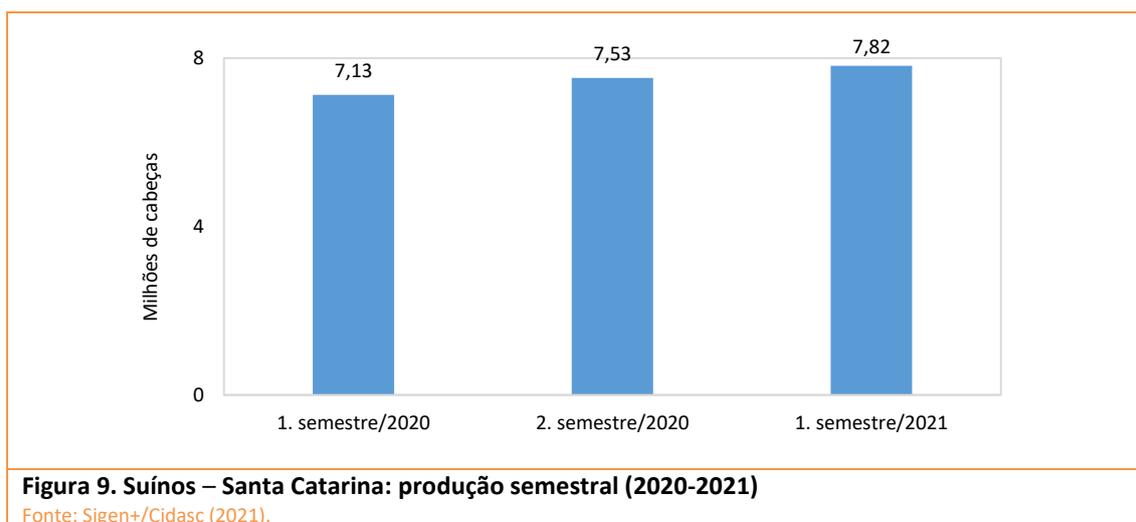


Figura 9. Suínos – Santa Catarina: produção semestral (2020-2021)

Fonte: Sigen+/Cidasc (2021).

Os dados apresentados na Figura 9 incluem todos os animais produzidos em Santa Catarina, independentemente de onde tenha sido realizado o abate. No 1º semestre de 2021, 92,3% dos suínos produzidos em Santa Catarina foram abatidos no próprio estado.

Leite

Tabajara Marcondes
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Produção recebida pelas indústrias

No mês de agosto, o IBGE divulgará os “primeiros resultados” da Pesquisa Trimestral do Leite, com a quantidade de leite cru adquirida pelas indústrias inspecionadas no Brasil no primeiro semestre de 2021. A julgar pela reação observada nos preços internos nos meses de maio e junho, não é improvável que o IBGE divulgue números que reflitam um desempenho produtivo bem discreto para estes dois meses. Não tem sido este o caso dos números extraídos do Índice de Captação de Leite Cepea⁸ (ICAP-L/Cepea), que mostram um aumento de 4,9% no volume de leite captado nos cinco primeiros meses de 2021, em relação ao mesmo período de 2020. Nesta comparação, o menor crescimento foi de 3,6%, em maio, e o maior de 5,6%, em março (Figura 1).

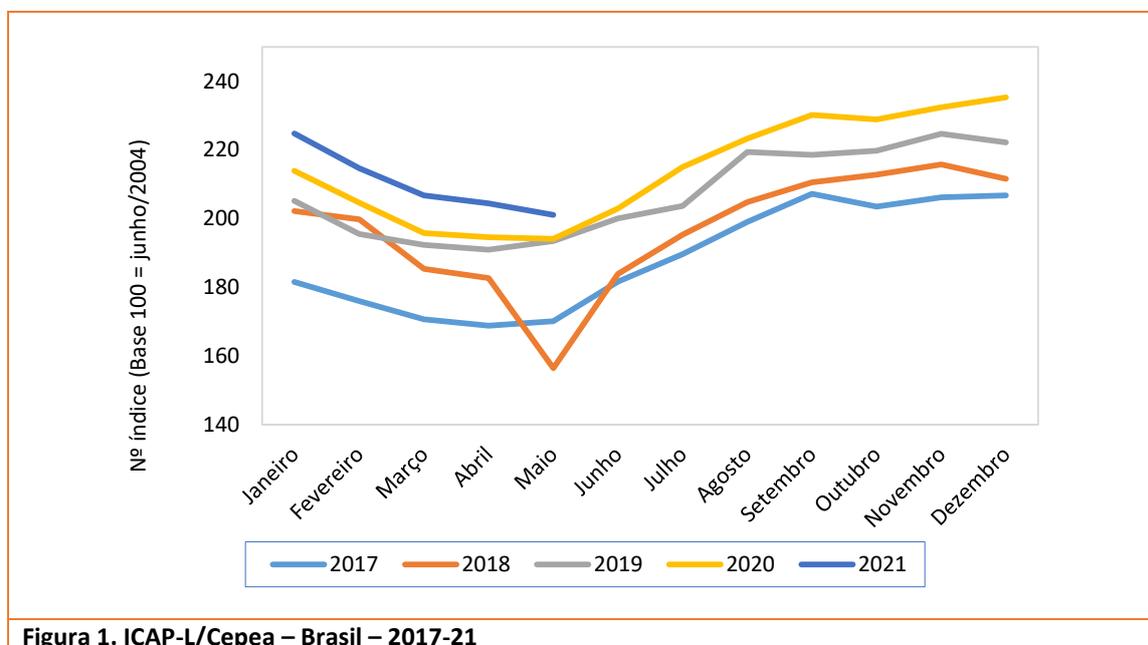


Figura 1. ICAP-L/Cepea – Brasil – 2017-21

Balança comercial de lácteos

Desde 2016, as importações brasileiras de lácteos eram decrescentes. Contudo, de 2019 para 2020, houve uma inflexão nessa tendência, por conta de importações significativas ao longo do segundo semestre, que só se viabilizaram porque no mesmo período houve uma grande elevação dos preços dos lácteos no mercado interno. Não fosse isso, 2020 seria mais um ano de decréscimo nas compras externas de lácteos pelo Brasil. Esta deve ser a tendência para 2021, já que, embora no primeiro semestre as importações tenham sido 41,5% superior à do mesmo período 2020, a previsão para o segundo semestre é de compras externas muito abaixo dos elevados patamares alcançados ao longo do mesmo período do ano passado.

⁸ O ICAP-L/Cepea objetiva registrar as variações nos volumes captados nos estados da amostra: RS, SC, PR, SP, MG, GO e BA. Esse índice é elaborado mensalmente, com base em amostragem, comparando-se os volumes diários captados em cada estado. Em seguida, é calculada a média nacional. A participação de cada estado varia mensalmente com base em informações do IBGE quanto ao volume produzido em cada unidade da federação no ano anterior. Fonte: Cepea.

Nos meses mais recentes (abril a junho), a combinação de baixos níveis de importações com bons patamares de exportações resultou em saldos comerciais negativos de apenas 3,0 a 5,0 milhões de quilos de lácteos, valores muito abaixo do que vinha sendo comum ao longo dos últimos meses: de agosto/20 a janeiro/21, por exemplo, o saldo mensal negativo foi sempre acima de 15 milhões de quilos (Tabela 1).

Tabela 1. Balança comercial brasileira de lácteos – 2019-21

Mês	Milhão de quilo								
	Importações			Exportações			Saldo		
	2019	2020	2021	2019	2020	2021	2019	2020	2021
Janeiro	13,65	10,58	17,83	1,61	2,86	2,36	-12,04	-7,72	-15,46
Fevereiro	16,05	8,80	15,15	2,33	1,79	1,77	-13,72	-7,02	-13,38
Março	10,69	9,38	14,35	2,90	2,54	2,77	-7,79	-6,84	-11,58
Abril	10,86	6,00	7,31	1,66	1,81	4,27	-9,20	-4,19	-3,04
Maió	13,73	7,52	8,27	1,95	2,35	3,27	-11,78	-5,18	-5,00
Junho	10,95	8,42	8,84	1,61	2,16	3,99	-9,34	-6,27	-4,85
1º semestre	75,93	50,71	71,74	12,06	13,50	18,43	-63,87	-37,21	-53,32
Julho	9,95	12,59		1,80	2,66		-8,15	-9,93	
Agosto	9,86	17,99		1,89	2,72		-7,97	-15,27	
Setembro	12,76	22,83		2,04	2,43		-10,72	-20,40	
Outubro	9,78	22,13		1,96	2,68		-7,82	-19,45	
Novembro	10,83	22,95		2,07	2,52		-8,75	-20,43	
Dezembro	10,24	22,44		1,96	2,54		-8,27	-19,90	
Total	139,34	171,63		23,78	29,04		-115,55	-142,59	

Fonte: Ministério da Economia - Comex Stat

De janeiro a junho deste ano, o Brasil importou lácteos de 19 países, mas 89% da quantidade importada vieram da Argentina (51%) e do Uruguai (38%), o que é praticamente uma repetição das importações acumuladas de 2016 a 2020 (Figura 2).

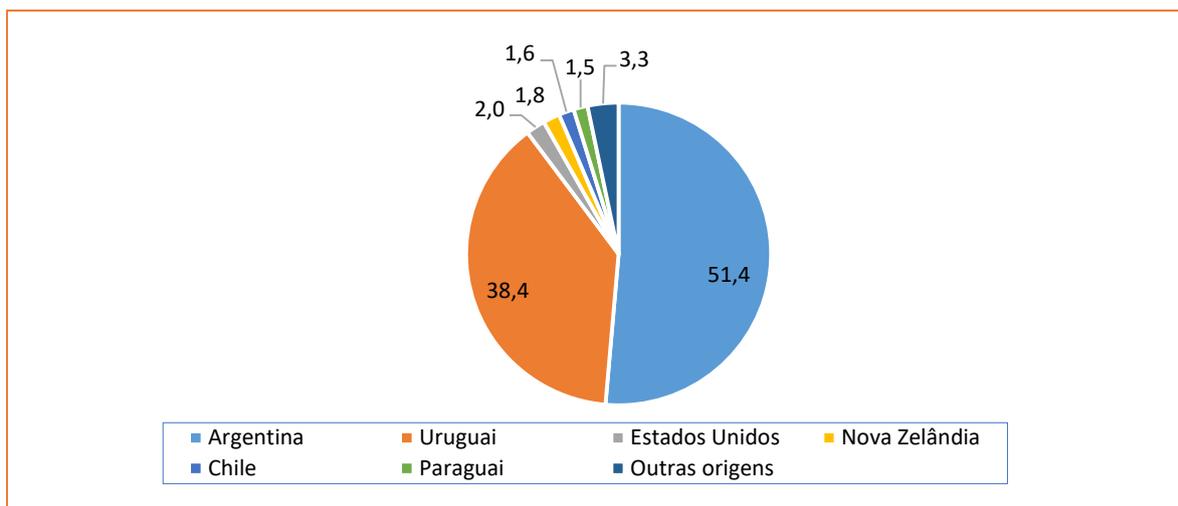


Figura 2. Distribuição % das importações brasileiras de lácteos

Preços

A partir de fevereiro, as reuniões do Conseleite/SC têm sempre resultado em aumento nominal do preço de referência do leite, o que é reflexo direto da recuperação nos preços da maioria dos produtos lácteos no mercado atacadista. Isso voltou a se repetir na reunião do mês de junho, quando o preço projetado ficou 7% acima do preço de maio (Tabela 2).

Tabela 2. Leite padrão: Santa Catarina – preços de referência do Conseleite

Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso				Variação (%)	
	2018	2019	2020	2021	2019-20	2020-21
Janeiro	0,9695	1,1659	1,2273	1,6020	5,3	30,5
Fevereiro	1,0128	1,2309	1,2342	1,5218	0,3	23,3
Março	1,0857	1,1957	1,2974	1,5699	8,5	21,0
Abril	1,1295	1,2185	1,3192	1,5820	8,3	19,9
Maiο	1,1522	1,2535	1,3091	1,6994	4,4	29,8
Junho	1,3454	1,2036	1,5176	1,8191	26,1	19,9
Julho	1,4050	1,1560	1,5588		34,8	
Agosto	1,2997	1,1918	1,7288		45,1	
Setembro	1,2582	1,1767	1,7994		52,9	
Outubro	1,2351	1,1516	1,7075		48,3	
Novembro	1,1358	1,1779	1,6703		41,8	
Dezembro	1,1228	1,2227	1,7121		40,0	
Média anual	1,1793	1,1954	1,5068		26,1	

Junho/2021: Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC.

Os levantamentos da Epagri/Cepa indicam que o preço médio recebido em julho pelos produtores catarinenses seguiu a trajetória de alta indicada pelo Conseleite/SC (Tabela 3).

Tabela 3. Leite: Santa Catarina – preço médio⁽¹⁾ aos produtores

Mês	R\$/l posto na propriedade				Variação (%)	
	2018	2019	2020	2021	2019-20	2020-21
Janeiro	0,94	1,09	1,22	1,94	11,9	59,0
Fevereiro	0,94	1,17	1,26	1,78	7,7	41,3
Março	0,96	1,25	1,29	1,71	3,2	32,6
Abril	1,01	1,27	1,28	1,76	0,8	37,5
Maiο	1,09	1,32	1,19	1,84	-9,8	54,6
Junho	1,14	1,32	1,31	1,99	-0,8	51,9
Julho	1,30	1,23	1,50	2,15	22,0	43,3
Agosto	1,35	1,19	1,66		39,5	
Setembro	1,31	1,21	1,87		54,5	
Outubro	1,28	1,21	1,95		61,2	
Novembro	1,24	1,19	1,92		61,3	
Dezembro	1,11	1,18	1,97		66,9	
Média anual	1,14	1,22	1,54		25,9	

⁽¹⁾ Preço médio mais comum, das principais regiões produtoras, no período de pagamento.

Fonte: Epagri/Cepa.

A reunião do Conseleite/SC de julho está marcada para o dia 29, nela se estabelecerá o preço final de junho e se projetará o preço de julho (que serve de base para o preço que os produtores receberão em agosto). As indicações de mercado são de que nesta reunião poderá ser revertida a tendência de recuperação de preços dos últimos meses, o que, se confirmado, pode significar que os preços recebidos pelos produtores neste mês de julho terão sido o pico do ano de 2021.